

Aterceira Idade

ANO 4 - N: 6
OUTUBRO/92



SESC

SÃO PAULO

A postura em relação ao idoso está sujeita a certos referenciais impostos pela sociedade, ao produzir e veicular a imagem da velhice.

Os preconceitos geralmente se baseiam em afirmações nada científicas, mas apenas reveladoras de uma indisposição ou uma fuga diante de um problema real que exige pesquisa mais profunda.

Muitos têm sido os trabalhos ultimamente realizados por instituições públicas e privadas, em busca de alternativas para o atendimento ao idoso. Essas iniciativas têm consistido em simpósios, congressos, jornadas etc., para técnicos, abordando os mais variados aspectos da terceira idade, tendo sempre como objetivo a integração do idoso em seu meio social.

A motivação para esta constante reciclagem parte sobretudo dos resultados que têm sido alcançados junto aos grupos que estão cada vez mais maduros e conscientes de sua identidade e representatividade.

Observe-se igualmente um interesse muito grande das mais diversas áreas acadêmicas em estudar a questão do envelhecimento sob diferentes ângulos, o que, sem dúvida, representará um enriquecimento maior para a bibliografia gerontológica.

Este número de "A TERCEIRA IDADE" se enquadra nesta perspectiva de estudos, trazendo ao público reflexões que procuram situar a problemática do idoso dentro de um contexto histórico e cultural mais amplo.

É importante que não haja queda no entusiasmo pelo coletivo, que ninguém se contagie pelo empobrecimento do social. Na chamada "era do vazio" é necessário administrar as crises e adaptar-se a uma nova lógica comportamental.

ARTIGOS

- 5 MEMÓRIA E HISTÓRIA
Olgária Matos
Filósofa, docente da USP
- 17 FINITUDE E RENASCIMENTO EM CADA GERAÇÃO
José Moura Gonçalves Filho
Psicóloga Social - USP
- 27 JUVENTUDE PARA OS VELHOS
Edith Motta
Assistente Social
- 39 VELHICE PARA OS JOVENS
André Roberto Martin
Prof. da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP
- 43 TERCEIRA IDADE ESPERANÇA DE VIDA
Alda Ribeiro
Geriatra - SP
- 47 O VELHO NO BRASIL POBRE E NO BRASIL RICO
Maria José Lima de Carvalho Rocha Barroso - Assistente Social e Gerontóloga

SEÇÕES

- 2 CARTAS
- 3 APRESENTAÇÃO
- 55 INFORMAÇÕES

Gostaria de saber como adquirir os exemplares da revista "A TERCEIRA IDADE". Estive lendo as matérias e achei que nelas a gente encontra coisas interessantes sobre a fase da vida chamada velhice e que nos ajudam a entender melhor este momento em que parentes, amigos e conhecidos parecem fugir, como se fosse uma doença contagiosa...

Amélia Aparecida Souza
Campo Grande - MTS

Estou começando um trabalho com pessoas que já estão com mais de 60 anos. Alguns são válidos ainda e outros apresentam algumas deficiências que os tornam incapazes para certos tipos de atividades. Será que o SESC poderia me dar algumas dicas sobre a melhor técnica de trabalho nesta área? O que me levou a esta consulta foi o conhecimento que tive da revista "A TERCEIRA IDADE", onde se faz referência a grupos de idosos do SESC. Desejaria conhecer um pouco mais desta experiência.

Judith Chaves Dias
Belo Horizonte - MG

Conheço vários trabalhos que o SESC faz pela comunidade. Sempre achei um trabalho sério e bem intencionado, isto é, sem características politiquieiras. Quero dar uma sugestão através desta revista que tive oportunidade de ler: por que não editar também uma revista falando sobre as outras atividades que se destinam às crianças, aos jovens etc.? A exemplo do que acontece com os idosos, as outras faixas etárias teriam muita coisa que aprender desta instituição.

Joaquim dos Santos Cabral
São Paulo - Capital

ABRAM SZAJMAN
*Presidente do Conselho
Regional do SESC*

Os frutos que se colhem de um trabalho dependem de uma longa e persistente adaptação às sucessivas mudanças por que passa a sociedade em que vivemos.

Se hoje podemos nos orgulhar do programa que o SESC de São Paulo desenvolve junto ao idoso, isto se deve a constantes estudos e pesquisas que preservam e ampliam os objetivos da entidade em relação aos problemas deste segmento etário. Destaque-se também a grande sensibilidade da instituição em face dos problemas sociais, bem como a criatividade de nossos técnicos na operacionalização dos projetos, como elementos que realimentam nosso entusiasmo neste campo específico.

Sentimo-nos, por isso, altamente gratificados e não medimos esforços para dar seqüência a este trabalho de repercussão nacional. Sem dúvida, o SESC de São Paulo é, hoje, um centro de referência para aqueles que se ocupam de idosos não institucionalizados ou desejam adquirir conhecimentos na área da gerontologia.

Nosso propósito é continuar a incentivar os eventos e atividades, equacionar os espaços físicos de nossas unidades, no sentido de facilitar o acesso da população idosa aos equipamentos e, desta forma, promover sua integração com as demais faixas etárias.

Em nossa opinião, diminuir as distâncias entre as gerações é remover uma série de preconceitos que ainda estigmatizam o velho. Estimular o encontro das gerações é aliar a vivência dos mais velhos ao vigor dos mais jovens. Esta harmonia beneficiará a sociedade, se a força do jovem for bem orientada e a experiência do idoso devidamente aproveitada. Isto é um novo desafio. Mas, os desafios é que nos fazem crescer.



MEMÓRIA E HISTÓRIA(*)

*Existe uma memória
que é a memória voluntária.
Um monumento faz parte da
memória voluntária.
Mas há também a memória
involuntária, aquela que nos
surpreende como uma luz
fugidia em um instante de
perigo...*

OLGÁRIA MATOS

Filósofa, docente da USP

Walter Benjamin (filósofo da assim chamada Escola de Frankfurt, cujos nomes mais destacados são: Adorno, Horkheimer e Marcuse) desenvolve algumas passagens significativas sobre a questão da tradição, da história, do passado e da memória.

Segundo este autor, a experiência da modernidade revela que uma tradição se perdeu e uma outra não chegou a se constituir. Vivemos uma época "da qual os deuses já partiram ou à qual ainda não chegaram" (Hölderlin), ou seja, um momento de total desamparo, de vulnerabilidade. Essa precariedade ocorre pela perda de uma tradição, pela ausência de enraizamento.

Uma tradição significa o pertencimento a um conjunto de valores e expectativas, uma maneira de nascer, de viver e de morrer.

O desenraizamento, diz Walter Benjamin, é portador de uma ambigüidade: por um lado, é a condição da liberdade: perder raízes, deixar o lugar de origem, viajar - no sentido metafórico da palavra -, é a condição e possibilidade da autono-

(*) Este texto é a transcrição da palestra sobre "Memória e História".

mia e da liberdade; mas, simultaneamente, o desenraizamento é involuntário quando é extradição da pessoa, expulsão, exílio. A perda de referências e tal perda favorece crises de **identidade**.

Walter Benjamin está preocupado a com questão da história, da memória, da recordação e da intermitência do tempo, ou seja, com aquilo que é condição da possibilidade da memória: o esquecimento. Sua filosofia pode, de alguma maneira, ser compreendida através do valor conceitual do esquecimento.

Benjamin diz que há, pelo menos, duas maneiras de nos relacionarmos com o passado, com a tradição: a de identificação com o passado que é a **repetição** do passado e resulta sempre nas catástrofes históricas. E há uma maneira de relação com o passado que não é a da repetição, da identificação, mas é uma **construção**.

Na tese VII, "Sobre o Conceito de História", lê-se: "ao historiador que quer reviver uma época, Fustel de Coulanges recomenda esquecer tudo que passou em seguida. Melhor vale não qualificar um método que o materialismo pôs por terra. É o método da empatia. Ela nasceu da preguiça do coração, da **acedia** que desespera em dominar a verdadeira imagem histórica, aquela que brilha de maneira fugidia. Os teólogos da Idade Média consideravam a **acedia** como a fonte da tristeza. Flaubert, que a conhecia bem, escreve: "poucos adivinharão o quanto foi preciso estar triste para ressuscitar Cartago". A natureza dessa tristeza torna-se mais evidente, quando se pergunta com quem, propriamente, o historiógrafo historicista entra em empatia. A resposta é inelutável: com o vencedor. Ora, quem quer que domine, é sempre o herdeiro de todos os vencedores. Entrar em empatia com o vencedor, beneficia, portanto, conseqüentemente, aquele que domina.

Todos aqueles que até hoje conquistaram a vitória, participam desse cortejo triunfal, em que os dominantes de hoje só

chegaram a essa condição, porque marcham por sobre os cadáveres daqueles que jazem no chão. A este cortejo triunfal pertence também o espólio, aquilo que conhecemos como **bens culturais**. Quem professa o materialismo histórico não pode olhá-los, a não ser com olhar cheio de distância, pois tomados em bloco, assim que se pensa em sua origem, como não estremecer de espanto! Eles não nasceram apenas do esforço dos grandes gênios que os criaram, mas ao mesmo tempo da anônima corvéia imposta aos contemporâneos desses gênios. Não há nenhum documento de cultura que não seja também um documento de barbárie. E a mesma barbárie que os afeta, afeta também o processo de sua transmissão de mão em mão. Eis porque, tanto quanto possível, o teórico do materialismo histórico se desvia deles. Sua tarefa é a de escrever a história a contra-pelo". Há aqui dois tipos de história, dois tipos de memória, dois tipos de tradição: a tradição do vencedor e a tradição do vencido.

O que Benjamin diz na tese VII é que não temos acesso à objetividade do passado. Como o passado é algo extinto, encerrado, só o alcançamos de maneira indireta, através dos detalhes, ruínas - o que ficou pelo involuntário do tempo e da memória. Assim como os dominantes inventam uma memória, uma tradição, - porque a tradição não nos chega como uma "herança com testamento" -, não há uma mediação que nos explique de que maneira ela chega até nós.

Benjamin diz que os dominantes, os vencedores do momento, aqueles que chegam à condição de dominantes, só chegaram a este posto porque marcham por sobre os cadáveres daqueles que jazem no chão. Não há nenhum documento de cultura, portanto, que não seja também um documento de barbárie. Isto significa que há uma maneira de postular uma imagem eterna do passado, que é possível conhecê-lo tal qual efetivamente foi; a história é

concebida a partir de fatos inamovíveis, havendo acesso a uma inteligibilidade única.

Essa historiografia convencional, Benjamin a denomina “historicista”, pois acredita que o passado é exatamente o que foi. Ora, o passado está encerrado sobre si mesmo, possui uma língua que não nos pertence mais, não apenas no campo semântico, mas porque mudou a maneira de viver, a tradição entrou em contato com outras culturas etc. Por várias razões, não temos um acesso direto à objetividade desse passado. Mas o que faz a classe dominante? Inventar uma tradição como se essa tradição fosse um dado, um fato da natureza. A história historicista ou a positivista naturaliza a história e artificializa a natureza. Isto significa que os dominantes constroem uma tradição, como se ela pertencesse a todos.

Os dominantes constroem os **monumentos**. Estes fazem parte da história oficial celebrativa; os monumentos são construídos pelos dominantes para perdurarem e eternizar uma imagem do passado, que é feita para ser creditada e reconhecida pelas gerações na sucessão do tempo. A classe dominante constrói uma tradição através dos monumentos.

Há outra modalidade de história que chamaremos de “história do vencido” e não do vencedor: é feita de **documentos**. Os documentos são aqueles elementos que permanecem, involuntariamente, na forma do fragmentário, do inesperado: são objetos que perduram, malgrado eles mesmos. É com esse material fragmentado, inesperado, em ruínas, em decomposição, disperso e desordenado que o historiador materialista deve construir sua tradição. Assim como a classe dominante inventa sua tradição, os dominados devem inventar a sua. Toda tradição é uma construção.

Retomando a tese VII, no plano da **repetição**, Marx, em “O Dezoito Brunário”, trata do golpe de Estado do

“sobrinho” bastardo do grande Napoleão, o golpe de Estado de 1848. Marx inicia, dizendo que em alguma parte de sua obra, Hegel escreveu que os grandes fatos e as grandes personagens históricas ocorreram, por assim dizer, duas vezes: a primeira, como tragédia em si e a segunda, como confirmação na consciência dos homens. Numa primeira vez, a história ocorre como uma coisa em si; numa segunda, há reedição, confirmação da consciência dos homens, de grandes acontecimentos e de grandes personagens.

Marx completa essa frase: “Hegel esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez esses acontecimentos estão presentes como tragédia, e quando se repetem é na forma de farsa”. Do ponto de vista marxista, não há repetição na história; a repetição do passado no presente é farsesca, é teatral.

E há, segundo Marx, um “esquecimento” em Hegel: “esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez, o fato acontece como tragédia e a segunda, como farsa”. Esse esquecimento não é um esquecimento apenas psicológico. É **esquecimento ideológico**; o esquecimento é produzido e é produzida a idéia de uma continuidade do passado no presente, de tal forma que aquilo que vivemos hoje é seqüência do que veio anteriormente. O que trabalha de maneira invisível, o fenômeno da repetição é a idéia do progresso.

A idéia do progresso significa que aquilo que veio depois é necessariamente melhor do que o que veio antes; ela nos oculta a diferença entre desenvolvimentos técnico-científicos e a regressão da sociedade, porque a noção de progresso, como algo idêntico a si mesmo, esconde a barbárie da qual esse progresso é portador, o que faz com que acreditemos que os progressos da ciência são progressos da humanidade enquanto tal. Ora, o historiador historicista se identifica com o passado, postula essa imagem eterna do passado, uma versão única dos acontecimen-

tos porque, a posteriori, os acontecimentos do passado para explicar que o seu desenlace só poderia ter sido este atual.

Marx, ao contrário, explica o que representa a repetição na história. Para ele é exatamente nos momentos de um devir criador que constrange os homens a tarefas inéditas, é exatamente nesses momentos de revolução, de transformação profunda que os homens temerosamente tomam de empréstimo as palavras de ordem do passado, se travestem de romanos para entrar na cena da história. O mecanismo da repetição é uma espécie de blindagem, de proteção que os homens encontram para poder enfrentar o novo, aquilo que nos surpreende, aquilo que nos afeta de maneira inusual e inesperada, provocando uma insegurança. Há, assim, a tendência em buscar no passado uma vestimenta já conhecida, portanto, ruínas. A história vai ser reconstruída como uma continuidade do presente com o passado, para que os homens, no presente, possam compreender essa encenação teatral do momento histórico.

Essa maneira de se identificar com o passado é uma maneira de lidar com coisas mortas. Há um momento da tese nº VII em que Benjamin cita Flaubert: “poucos adivinharão o quanto foi preciso estar triste para ressuscitar Cartago”. E a natureza desta tristeza se torna mais evidente quando nós dizemos que o historiador historicista entra em empatia com o vencedor. Qual a relação da classe dominante ou do historiador historicista em sua identificação com o passado? Há identificação com coisas mortas. A **acedia** é um estado de tristeza e de melancolia (aliás, esta palavra procede do grego “akedia”, que significa “cadáver insepulto”).

O que são esses acontecimentos do passado com os quais os vencedores se identificam para dizer que nosso momento histórico é continuidade do passado? São cadáveres insepultos. O historiador historicista está impossibilitado de fazer

o luto do passado, de enterrar os seus mortos e deixar que os homens façam a sua própria história. Ao invés de agirem na história, os homens preferem repetir o passado. Quanto ao historiador materialista, deve captar uma imagem do passado que **brilha de maneira fugidia**. A relação de Benjamin com autores como Proust, por exemplo, é essencial, sobretudo na obra “Em Busca do Tempo Perdido”. Nela, o tempo perdido não é o passado, é o futuro - caso não saibamos recuperar o passado. Como ingressamos no passado? Através da memória.

Existe uma memória que é a memória voluntária. Um monumento faz parte da memória voluntária. É feito para lembrar e basta que eu me detenha um pouco e queira reviver determinadas coisas, a lembrança reaparece. Podemos nos lembrar, a qualquer momento, de um determinado acontecimento do passado. Este é o verdadeiro esquecimento.

Mas há uma outra dimensão, tanto da história individual quanto da história coletiva, que é a **memória involuntária**, aquela que nos surpreende como uma luz fugidia em um instante de perigo. Isto significa que o acesso ao passado, à sua verdade, se faz de maneira involuntária.

Aqui, um parêntese: há uma crítica subliminar de Benjamin retomada de Nietzsche, quando este se refere a Descartes. Descartes eternizou a fórmula “penso, logo existo”. Depois de uma complicadíssima demonstração analítica, esse filósofo do século XVII (do qual somos tributários até hoje) dizia: quando duvido da existência do mundo, duvido da existência do céu, das estrelas, do meu corpo, da circulação de meu sangue e de mim mesmo; a única coisa que me resta como algo indubitável é o pensamento. Então, a primeira verdade inabalável e irresistível é o pensamento: “penso, logo existo”.

Esta afirmação era algo que Descartes tomava como ponto fixo, ponto arquimediano de suas reflexões. Ora,

Nietzsche vai dizer, ao criticar esta passagem do pensamento cartesiano, que Descartes não percebeu que “um pensamento vem, não quando eu quero, mas quando ele quer”. Não somos senhores plenos de nossos pensamentos e de nossa vontade, não escolhemos permanentemente os acontecimentos de nossas vidas e os acontecimentos históricos; na maior parte do tempo, eles nos escolhem; assim, somos escolhidos pelos pensamentos que nos perseguem. Assim, é com a memória involuntária que trabalha o historiador que não quer lidar com coisas mortas, que deseja sepultá-la para poder renascer.

A teoria benjaminiana se vale, além de Proust e Nietzsche, também de Freud: primeiro, é preciso lembrar para depois esquecer, porque se primeiramente esquecermos, não estaremos esquecendo, estaremos **recalcando** e esse recalque retornará na forma da destrutividade social. Trata-se, pois, de lembrar para depois esquecer.

Por esta razão, a perspectiva historicista é o verdadeiro esquecimento, porque o monumento é rapidamente instituído; seu sentido é o de auto-erigir-se como progresso, justamente para arquivar o passado, com o que perdemos totalmente a possibilidade de reabri-lo e recontá-lo de outra forma. Se, para Proust, o tempo perdido não é o futuro, mas o passado, é porque sem o passado não poderemos jamais compreender o sonho presente.

Benjamin escreve, em 1938, o ensaio: “Paris, Capital do Século XIX” e “Alguns Temas Baudelairianos”, onde trata da Paris do Segundo Império. Benjamin, ao escrever sobre o século XIX, está preocupado com o século XX. Mas o que está ocorrendo em 1938?

A hiperinflação alemã é de 1929. Já havia a ascensão do nazismo e a Segunda Guerra era iminente. Estaria Benjamin preocupado com Paris do século passado? Não, está preocupado com presente ale-

mão, com o presente europeu e, no caso, com a França, pois para ele Paris engana mais do que Berlim. “Paris, Capital do Século XIX” não é só uma capital, mas capital do capital. Paris, que é também capital de algum sonho, que necessita ser reconhecido para podermos dele despertar. Benjamin procurava o sonho do século XIX para poder refletir sobre o século XX.

Quais foram as promessas decepcionadas desse século, que precisam ser reconhecidas, para podermos enterrar os mortos, enterrar os sonhos do passado e despertar? Primeiramente, é preciso despertar para o sonho, para, em seguida, despertar do sonho. Essas questões são preliminares com relação às preocupações de Benjamin.

À história historicista, a da identificação com a coisa morta, com a coisa extinta, com aquilo que não tem possibilidade de transformação e os monumentos construídos pelos dominantes na forma da memória voluntária, Benjamin contrapõe o historiador materialista que lida com fragmentos, com detalhes, com ruínas, que faz, constrói a tradição dos dominados através do involuntário da memória e do involuntário do tempo. O que Benjamin propõe é uma relação que atravessa a barreira do tempo. O tempo e o espaço são totalmente convulsionados.

Benjamin analisa a tarefa do colecionador. O colecionador é aquele capaz de arruinar sua vida inteira em busca de um único objeto que está perdido em qualquer espaço. O colecionador possui uma paixão barroca. Rompe com a sintaxe espaço-temporal, porque ele arranca os objetos de sua origem espaço-temporal, do tempo que lhes deu origem, colocando-os em uma sintaxe nova.

A história não se faz de forma seqüencial, segundo uma sucessão esperada dos acontecimentos; fazemos a história não com a ordem cartesiana do mundo, e sim com a desordem das lembranças.

O colecionador é aquele que lida de maneira viva com o passado, porque descontextualiza objetos; rompe com sua determinação espaço-temporal e os aloja em uma lógica e em uma significação alegórica próprias.

Para Benjamin, além do colecionador, os heróis de nossa modernidade são aqueles capazes de relação com o passado e com a tradição. Lembremos o forasteiro, o viajante. O viajante é aquele que sai de uma cidade para abordar uma outra. Desconhece as leis e as regras daquele novo lugar; pode abordá-lo de maneira inédita, pode dar um sentido novo aos acontecimentos, ao Espaço e ao Tempo.

Einbahnstrasse (Rua de Mão Única), de Walter Benjamin, é uma de suas obras, cuja tradução pode ser também "Contramão". É esta ambigüidade que permite conclusões diferentes. Se traduzirmos essa obra com o título "Rua de Mão Única", isto significará que nossa história - tanto a individual quanto a história coletiva - está determinada segundo um rumo único e esperado dos acontecimentos. Nesta "Rua de Mão Única" o desenlace é fatal. Ou então, "Contramão". Se caminharmos na contramão da história, procederemos por desvios, por choques, nunca segundo uma linha reta. Em um de seus aforismos, Benjamin escreve: "aprender a andar em uma cidade é coisa simples; mas, aprender perder-se numa cidade exige toda uma educação". A forma de abordar a cidade superficial e racionalista é uma; a memória subterrânea da cidade labiríntica é outra. As obras **Rua de Mão Única e Infância Berlimense Por Volta de 1900** são compostas por fragmentos escritos em épocas diversas de sua vida e todos eles tratam de pequenos acontecimentos da infância para falar da história, do passado.

Existe uma história, aquela da cidade superficial, racionalista, e uma história subterrânea que é labiríntica. O que seria esse labirinto da memória, o labirinto do

tempo, o labirinto da história para Walter Benjamin? Existe o labirinto racionalista, cartesiano, como o grego de Dédalo, o arquiteto construtor.

Dédalo constrói um labirinto onde o Minotauro está colocado e Teseu, auxiliado por Ariadne, ingressa no labirinto e depois retorna o fio e sai do labirinto. É este o labirinto racionalista. Mas o labirinto da memória não é um labirinto de Dédalo, não há algo que construímos e nele colocamos a personagem que deve encontrar a saída. Nosso labirinto é um labirinto histórico, somos nós que, ao caminharmos, construímos um labirinto, porque não há caminhos previstos. Deparamo-nos, tanto na nossa história individual como na história coletiva - porque Benjamin não diferencia história individual e história coletiva (cada um de nós se assemelha mimeticamente ao período histórico em que vive) - com bifurcações, labirinto. O que é o labirinto, o que são as bifurcações históricas? Significam que na história nada é índice da boa direção.

Na obra de Binswanger **As Três Formas da Existência Malograda**, uma de suas figuras é a *Verstiegenheit* - a extravagância. O que é a extravagância? É ultrapassar o limite de até onde é possível caminhar com segurança. É o exemplo citado por Binswanger é a peça de Ibsen: "O Construtor". O construtor era uma personagem perita em construções de torres de igrejas e possuía tal ânsia em atingir o céu, que desejava construir uma torre tão alta, que chegasse até Deus. Mas o arquiteto sofria de vertigens, não podia subir nas torres que projetava. Um dia, por acaso, passa uma jovem pela qual se apaixonou; ela o convence a subir na torre, a torre mais alta, para aí conversar com Deus. Ele sobe e despenca do alto. Quer dizer, "*sich verstiegen*" é extra-vagar, é ir além do que era possível a uma subida segura.

O labirinto histórico é dessa nature-

za: - estamos permanentemente envolvidos com a possibilidade de nos perder, de exceder o limite até onde é possível caminhar, porque não temos mais um fio de Ariadne que desenrolamos para nos auxiliar.

Outra questão que interessa a Benjamin na questão da memória é freudiana. Freud, no "Sétimo Livro" da **Interpretação dos Sonhos**, diz que o sonho é um enigma, é fragmentado, presentifica personagens desconhecidas, uma coisa no lugar de outra, sinais trocados. Mas, progressivamente, analisando o sonho, Freud mostra que o sonho possui um sentido; o que não possui sentido é a vida. Freud vai dizer que a incoerência não está no sonho, a incoerência está na própria vida. Essa incoerência é a impossibilidade total de escolhermos racionalmente a boa direção na vida: somos, em larga medida, escolhidos pelos acontecimentos. É claro que nossas ações não são todas inaugurais, que pertencemos a uma tradição, seja ela fragmentada ou semidestruída. Apesar de mantermos uma relação com o passado, não existe saber acumulado para a "praxis", no sentido da ação na vida ou na história.

Um dos problemas do marxismo, segundo o nosso autor, é que o marxismo confundiu "praxis" e "poiesis". A "poiesis" que traduziremos por "artes poéticas", são verdadeiras técnicas, no sentido contemporâneo da palavra. A "poiesis" é uma fabricação - possui começo, meio e fim. Mas da "praxis", não se conhecem seus antecedentes e não podem ser controlados seus resultados. Assim, a figura emblemática da questão da ação na história é Hamlet, "o príncipe de pensamento especulativo". Para Benjamin, o que Hamlet ensina é que esse príncipe não nasceu para o poder; da ação emerge sempre o irracional que é incontornável. Não podemos controlar o desenlace da ação, porque a ação é **risco**.

A ação é um problema metafísico. É

a grande questão, a do risco, porque, na ação, consciência e vida nunca coincidem. A vida vai depressa demais e a consciência chega sempre tarde. O que, pois, é uma revolução? É, simultaneamente, risco, possibilidade de fracasso e esperança de êxito.

Voltando à questão da história e da memória. Para a visão racionalista, como a de Descartes, a infância - o passado - é um estado patológico de confusão e de erro. Quando crianças, afirmava Descartes, nossa mente - que era uma folha em branco - começa, pelos ensinamentos dos mestres, a ser marcada por borrões, de tal maneira que não podemos, quando adultos, discriminar o verdadeiro do falso. A infância é patologia. A filosofia é, para Descartes, uma luta entre a razão e a memória, a razão através da qual os homens se tornam homens e a memória através da qual os homens permanecem crianças.

Para Benjamin, dá-se justamente o contrário: o forasteiro, o velho, a criança, o imigrado, o proletário, o narrador, enfim, todas aquelas personagens que estão em processo de extinção, ou seja, em uma fronteira - nem recusados, nem aceitos - são os únicos capazes de relação com o tempo, com o passado, com a memória e, assim, só a essas personagens o futuro pertence.

Na tese nº IX (in "Sobre o Conceito de História"), esta questão se esclarece melhor: "há um quadro de Klee que se intitula: "Angelus Novus". Representa um anjo que parece querer se afastar do local onde permanece imóvel. Seus olhos estão estarecidos, sua boca escancarada, suas asas despregadas. Tal é o aspecto que deve ter o anjo da história. Tem o rosto voltado para o passado. Onde a nós se apresenta uma cadeia de acontecimentos, ele só vê uma única e mesma catástrofe que não deixa de acumular ruínas sobre ruínas e as joga a seus pés. Ele gostaria de se deter, de despertar os mortos e reunir os

vencidos, mas do paraíso sopra uma tempestade que o atinge nas asas tão fortemente que ele não pode mais fechá-las. Esta tempestade o empurra para o futuro ao qual ele dá as costas, enquanto diante dele se acumulam, até o céu, as ruínas. Esta tempestade é o que chamamos o progresso”.

Para Benjamin, o anjo da história está voltado para o passado, não pode ver o futuro, mas é empurrado para o futuro, porque uma tempestade incide sobre as suas asas e o impede de reunir os vencidos e despertar os mortos. Ele é obrigado a ir para o futuro e o que ele vê diante dele são catástrofes a se acumularem. Essa catástrofe nasce, em larga medida, da tentativa de forçar os acontecimentos a tomarem um determinado rumo, como se só houvesse um sentido único a ser esperado. Para Benjamin, ao contrário, podemos reabrir o tempo histórico, retornar ao passado e contá-lo de outra maneira, porque o alimento do futuro é o passado. Aquilo que se chama “revolução copernicana do conhecimento” em Benjamin, significa que não é o presente que gira em torno do passado, é o passado que gira em torno do presente; não é o passado que explica o presente, é o presente que explica o passado, porque este só se dá à legibilidade no presente. Só temos acesso a determinados aspectos do passado em um determinado momento do presente. O passado é labiríntico como a memória e nosso labirinto é um labirinto histórico, sem fio de Ariadne.

Há um quadro muito significativo que ilustra esta questão: “Édipo de Ingres”, do pintor expressionista contemporâneo Francis Bacon. Tudo se passa como se Francis Bacon tivesse procedido à reconstituição tal e qual do Édipo clássico, o de Ingres. No Édipo clássico, ele encontra-se diante da Esfinge, apontando com um dedo para ela e, ao mesmo tempo, para si mesmo, dando a resposta ao enigma: **é o homem**. Ele está vestido com a

túnica grega, a Esfinge, nítida, coloca o enigma e, fora da cena, um passante olha aterrorizado e foge na direção de casas, da cidade. Ora, o que há no “Édipo” de Francis Bacon que se relacione com o de Ingres?

Há um Édipo, só que o Édipo de Bacon é um atleta, um esportista, está de calção, de camiseta. Há uma Esfinge, mas quase uma silhueta. Édipo apóia o pé em uma pedra, como no quadro de Ingres e um enigma está sendo colocado. Só que o Édipo de Bacon tem um pé enfaixado. Édipo, em grego, significa pé inchado. Ora, ele tem o pé enfaixado e no quadro não há mais a representação da cidade do lado fora da paisagem. Por quê? Porque, na visão clássica, há uma contraposição clara entre natureza e cultura. Então, a Esfinge e o enigma estão na natureza, enquanto que no quadro de Francis Bacon não há mais a cidade, há o Édipo, que é um esportista diante do enigma: ele é um Édipo histórico e tem o pé enfaixado, cansado de tanto perambular pelos labirintos da história. O enigma não está na natureza, mas na história.

Ora, a decifração do enigma é o problema da decifração do passado, dos sinais anunciadores do futuro; mas só seremos capazes de captar os acontecimentos do passado, aqueles que nos são significativos, se tivermos o dom da profecia.

Em um aforismo de **Rua de Mão Única**, “Madame Ariadne, Segundo Pátio à Esquerda”, há uma referência ao fio de Ariadne. (O “segundo pátio à esquerda” é uma crítica à política da Segunda Internacional que, segundo vários autores, impediu a frente única operária entre comunistas e sociais-democratas na Alemanha, e que levou os nazistas ao poder via frio, pelo voto). Neste aforismo lê-se: “quem quer que interrogue os videntes para saber o futuro dá, sem o saber, uma indicação íntima sobre aquilo que vai acontecer, que é mil vezes mais preciso de tudo que lhe

é dado ouvir lá. É conduzido mais pela inércia do que pela curiosidade e nada se assemelha menos a este homem do que aquele que com uma mão corajosa presente o perigo e determina o futuro, porque a presença de espírito é como que a quintessência do futuro. Perceber exatamente o que acontece no instante mesmo, é mais decisivo do que saber previamente o futuro mais distante. Presságios, presentimentos, sinais atravessam, com efeito, dia e noite, nosso organismo como choque de ondas. Interpretá-los, ou melhor, colocá-los à prova, tal é a questão”.

O que Benjamin está dizendo? Consultar os videntes é esperar que a profecia se concretize no futuro, e nos decepcionamos porque ela não se cumpre, porque somos incapazes de reconhecer que os sinais anunciadores do futuro já estão no presente. É preciso “presença de espírito”, é preciso saber captar os sinais do futuro no presente. Esse saber não é da ordem da consciência cartesiana atenta e vigilante, mas outro tipo de saber.

Benjamin trabalha com o conceito de **agoridade**, conceito que se aproxima da noção maquiavelina de **fortuna**. O que é a fortuna e a “virtù”, como na obra **O Príncipe**? A fortuna é o que nos acontece sem que tenhamos escolhido. E a “virtù” é essa capacidade de transformar um possível infortúnio em um presságio favorável. Um exemplo que nos dá Benjamin em “Madame Ariadne, Segundo Páteo à esquerda”, é a história de Cipião, o Africano. Cipião, depois de longa travessia, tem um exército prestes ao motim. Estava praticamente derrotado, quando chega a Cartago. O exército desembarca, coloca-se em posição, Cipião desce. Neste momento, quando todos desembarcam, Cipião tropeça e vai de rosto ao chão. No momento da queda, que poderia ter sido um desastre para a história romana, que diz Cipião? “Tenho a ti, ó terra africana!” Assim, conquista Cartago.

Este é um exemplo da “presença de

espírito”. O futuro não está distante, está no **presente**; é preciso um tipo de racionalidade que nos torne aptos a ingressar nos sinais do presente.

Em outro ensaio, “Destino e caráter”, Benjamin se interroga sobre a fatalidade: “ninguém escapa a seu destino”. O que isto significa? Significa que ninguém escapa ao real e o real é o acaso. “Ninguém escapa a seu destino” significa que ninguém escapa ao acaso. Saber lidar com os acasos pode transformar um infortúnio em um destino favorável. Sobre isso Benjamin diz: “a felicidade das próximas 24 horas depende da maneira com a qual saibamos tomá-la no momento do despertar”.

Qual a relação dessas questões com a tradição, a memória e o passado? Para Benjamin, toda relação com passado, com a tradição é uma invenção, invenção permanente. Por que a moda é repetitiva? A moda tem relação com as coisas mortas. A moda não aceita a morte de nada, a moda se repete, ela retorna, um pouco é o retorno do mesmo, porque vive dessa impossibilidade de aceitar perdas.

O contrário da repetição e da moda é o momento do despertar. Quando, por exemplo, acordamos, a cômoda não está no lugar certo, não sabemos onde é a porta de saída do quarto, não sabemos exatamente onde está a janela. Este momento é o momento de uma “desordem produtiva”, em que podemos dar qualquer sentido às coisas, podemos lhes dar um sentido inédito. Benjamin diz que em um mundo sem “princípio de razão suficiente”, sem fio de Ariadne, em um mundo labiríntico, a existência é labiríntica e é preciso que uma racionalidade se construa, capaz de reconciliar Eros, Cronos e Logos: Eros, o amor, Cronos, o tempo e Logos, que é a racionalidade da exatidão, do controle, da medida.

Não se trata de excluir nenhum dos aspectos da razão. Nossa cultura vive uma hipertrofia dessa racionalidade a que se

chama de instrumental, de dominação e controle da natureza. Esta racionalidade culmina em catástrofes, nas guerras mundiais, nos genocídios.

Adorno, contemporâneo de Benjamin, escreveu: "não há nenhuma linha reta que nos conduza da barbárie à civilização, mas há uma linha reta do estilingue à bomba de megatons". Por quê? Porque a vocação dessa racionalidade de dominação redundava na catástrofe. No momento justamente que nós poderíamos ter o paraíso terrestre, é justamente por uma perversão interna à própria razão que o desenlace é a destruição planetária. A técnica torna a memória supérflua, ela é apologia do progresso, inimiga da tradição. Ela destrói o "narrador". A personagem do narrador é, hoje, central. Não é mais possível contar histórias. Por que está em extinção a figura do narrador, do contador de histórias, do velho contador de histórias? Porque o velho é a memória do grupo, é a memória coletiva, mas a transmissão da tradição de geração a geração passa por uma renovação, porque essa narrativa não é a do mito. O mito é o que se repete de maneira estática e sincrônica.

Quando havia o narrador, havia tempo de tecer coletivamente histórias. Há duas personagens que podem contar histórias: o camponês - aquele que está vinculado a um ponto do espaço e dele não sai, sendo a memória coletiva e o antídoto a tudo aquilo que quer se fazer passar por melhor, quando na verdade é regressivo. Outra personagem que pode contar histórias - e também está em extinção - é o marinheiro, aquele que não pára em lugar nenhum. Hoje não há mais tempo de contar ou viver histórias. Não há mais tempo para vivermos as grandes paixões que nos estavam destinadas. Quando Benjamin faz a análise das rugas, em um ensaio sobre Proust, analisa as rugas e os sulcos de nosso rosto: "as rugas e os sulcos de nosso rosto são as assinaturas das grandes

paixões que nos estavam destinadas, mas nós, os senhores, não estávamos em casa". Não temos mais tempo para viver os dramas que nos estavam destinados. É isso que faz envelhecer. O verdadeiro envelhecimento é a impossibilidade de viver nossa destinação.

Qual a tragédia moderna? Não é a de Édipo Rei, é a do "Édipo em Colona", diz Benjamin. Por que não é a de Édipo Rei? Na tragédia de Édipo rei há "predição", o filho pode vir a matar o pai. Foi feita a predição e a predição dizia: "esse filho não pode viver, essa criança não pode viver, porque está destinada a matar o pai, casar-se com a mãe e será uma catástrofe para a cidade, pestes hão de se abater sobre a cidade". Para evitar que este destino funesto se cumprisse, Édipo é abandonado e aí o destino se cumpre. Mais tarde, casado com Jocasta, tem duas filhas: Ismênia e Antígona, e dois filhos: Polinice e Eteócles. Depois de toda a tragédia, quando o enigma se resolve, Édipo fura os próprios olhos. Cego e velho, desloca-se para Colona com as duas filhas.

Ora, a verdadeira tragédia de Édipo não é Édipo Rei, porque em Édipo Rei coisas vão acontecer, há predições, uma vida prevista - ele age. Édipo vai em busca daqueles que podem saber o segredo, age como um detetive, buscando as razões da peste que se abate sobre Tebas. Quanto à tragédia moderna, ela é Édipo em Colona, porque para ele nada mais está previsto; a tragédia moderna é a perda da destinação.

Figuras como o narrador, o velho, o forasteiro, a criança, são os únicos memoriosos. O velho e a criança são os memoriosos. O velho, porque viveu muito, tem as histórias acumuladas, tem a vida experienciada. O velho tem a experiência, não a vivência, porque a vivência só lembra o **quando** e o **onde** de um acontecimento, mas não o sentimento que acompanhou o acontecimento. O velho não lembra o **onde**, mas o conjunto de

sentimentos que o acompanharam para contar hoje a história de outra maneira, para renová-la. Quanto à criança, não tem memória, não tem história, não tem recordação. A criança, se nós lhe apresentarmos o brinquedo mais moderno e um objeto o mais remoto, olhará a ambos como absolutamente novos. Para a criança, o arcaico e o moderno coincidem, para ela tudo é novo, tudo é visto pela primeira vez.

Se soubermos reaver as coisas em seu sentido inédito, aquele que nos foi ocultado pela história oficial celebrativa ou pela história racionalista dos objetos, teremos a **história**. A história oficial é o mundo das fantasmagorias, é a forma que a ideologia toma hoje. O que é a ideologia? A ideologia é uma deformação no conhecimento de nossas condições de existência que nos faz conviver duradouramente com fantasmagorias. Não sabemos mais discernir natureza e artifício, real e imaginário, porque se trata justamente de um **esquecimento produzido**, necessariamente produzido. Então, figuras de fronteira são as únicas capazes de abordar o mundo de maneira nova: a criança, o velho, o emigrado.

Quando Benjamin fala de proletariado, ele inverte a proposta de Marx. Marx dizia que a única classe capaz de revolução, de transformação social é o proletariado, porque retira a sua poesia do futuro, enquanto a classe dominante vive da repetição do passado. Por quê? Porque a consciência de classe da burguesia é uma **consciência falsa**, ela tem um limite. Enquanto o proletariado tem uma **falsa consciência**, portanto uma consciência destinada a se resolver na dimensão da verdade, a burguesia tem uma consciência limitada, porque se tivesse uma cons-

ciência real das suas condições de existência, conheceria a sua própria autodissolução, por ser uma classe histórica e, como tudo que é histórico, ver-se-ia no efêmero, passageiro, mortal. A burguesia, para Marx, não pode conceber sua auto-destruição, ela tem uma **consciência falsa**.

Para Benjamin, o proletariado não retira sua poesia do futuro, como em Marx. Retira a sua poesia do passado, das melhores energias de luta, das revoluções que foram revoluções traídas e é preciso re-interrogar o passado e nos perguntarmos porque as revoluções que estavam destinadas à emancipação e à felicidade dos homens se converteram em novas formas de opressão. Quando Benjamin diz que “não há nenhum documento de cultura que não seja também um documento de barbárie”, é porque os documentos culturais não nasceram apenas dos esforços dos grandes gênios que os criaram, mas ao mesmo tempo da anônima corvêia imposta aos contemporâneos desses gênios.

Existe um excedente de sentido do passado que não chegou a se realizar e é com esse excedente de sentido, com fragmentos, com os detritos, com o “lixo da história” que o revolucionário faz a história. É como a criança: objetos abandonados pelos adultos e que vão para o lixo como inúteis, são reaproveitados pela criança que faz história, a partir do “lixo da história”. Tudo aquilo que é inútil é significativo. É preciso reconhecer nesse passado o que ele teve de significado, de irrealizado, para cumprir as promessas do futuro. No início da **Dialética do Iluminismo**, Adorno e Horkheimer dizem que “não se trata de repetir o passado, mas de realizar suas esperanças”.



FINITUDE E RENASCIMENTO EM CADA GERAÇÃO

*Experiências do finito são
experiências do que passa,
experiências de um limite,
de uma situação,
uma condição,
experiência de mortes,
experiências que atravessam
a criança, o jovem,
o adulto, o velho.*

**JOSÉ MOURA
GONÇALVES FILHO**
Psicólogo Social - USP

INTRODUÇÃO

"Finitude e renascimento em cada geração". O tema, assim definido, carrega cores filosóficas. Manifesta alguma inspiração existencialista, já que desperta atenção para nosso arraigamento no mundo e, ao mesmo tempo, para nossa liberdade.

Entretanto, o tema foi proposto não a um filósofo de profissão, mas a um psicólogo. Que fazer? Será preciso reconhecer que as experiências de "finitude" e "renascimento" pesam na infância, pesam na adolescência, pesam no adulto e no velho. Então, interrogações propriamente psicológicas podem talvez aparecer.

Ainda nos foi pedido que escrevêssemos especialmente para os velhos ou para os que convivem ou trabalham com eles. Que este texto sirva, assim, ao menos para entusiasmar nos seus leitores outros pensamentos mais certos.

RENASCIMENTO

Renascimento: retorno? O ato de renascer, em sentido estritamente psicológico, é o ato pelo qual o indivíduo adquire outro impulso, outra vida, sem implicar a repetição do que já passou.

"A criança renasceu em D. Risoleta, aquela senhora de 79 anos!" Que queremos dizer, quando dizemos que uma criança renasceu em D. Risoleta?

D. Risoleta perdeu aquela captação do mundo, própria dos pequenos: "a criança renasceu nela" não significa que a fez voltar ao tamanho de uma criança. Nem significa que sua percepção, sua imaginação, sua fantasia e seu pensamento tornaram-se como eram sua percepção, sua imaginação, sua fantasia e seu pensamento durante sua infância.

Há diferenças entre a situação psicológica da infância e a situação psicológica da velhice. (*)

A atenção da criança costuma se fixar nos mil acidentes da paisagem, sua curiosidade insaciável é atraída pelos fenômenos estranhos ou violentos da natureza: uma tempestade, os animais, as plantas insólitas. O adulto muitas vezes passa rapidamente por estes acontecimentos e detém-se, de preferência, nos quadros humanos, nos costumes, instituições sociais que, por sua vez, podem pouco dizer à experiência infantil.

A atenção do adulto move-se numa direção crítica e cultural. Para a criança, o que distingue um soldado de um monge é a roupa, o uniforme que todos vêem; o que distingue um ceramista de um moleiro é a matéria prima com que trabalham e que os identifica. Como se fossem espécies definidas, da mesma ordem que as espécies animais.

A criança admitiria, de bom grado, que já se nasce soldado, operário ou professor, como se nasce lobo, ovelha. A roupa, os traços físicos fazem parte da pessoa e bastam para determiná-la. A criança acredita que lhe bastaria portar as armas e as botas de um caçador ou o casquete de um oficial da Marinha para se identificar com um ou com outro e possuir as qualidades maravilhosas que empresta a cada um. O adulto, ao contrário, pode não ficar preso aos traços pitorescos das aparências: observa comportamentos, atina com motivos internos, examina até que ponto as pessoas se confundem com sua categoria social, não deixa de estranhar

ou criticar o caráter atrofiado e mecanizado de certas situações e tipos humanos.

Em contrapartida, é notável que na infância não havia ainda o constrangimento dos papéis sociais: o diálogo com os seres era aberto, a percepção era uma aventura - "como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo", diz Ecléa Bosi. (*)

As sensações nascentes do mundo, as sensações dos meninos e meninas são inebriantes. No adulto, quanto mais empenhado na vida prática, tanto mais aguda é a distinção que faz entre a imaginação e a experiência do mundo, e tanto mais as experiências buscam enraigar as imaginações.

Assim que não se vive duas vezes a mesma infância. A criança que fomos é diferente da criança que pode renascer em nós. O conjunto de nossas idéias atuais, especialmente sobre a vida social, impede-nos de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados pela primeira vez.

E, no entanto, ainda é possível dizer: "a criança renasceu em D. Risoleta, aquela senhora de 79 anos!". Não a criança que ela foi, nem também uma criança que ela nunca foi, inventada do nada. Mas renasceu nela a criança que ela foi, temperada pelo prisma de um espírito velho. Esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles permenores e poderes da criança, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro encontro com o mundo. Esperamos reviver, repetir, retornar. Entretanto, agora reparamos em certos ambientes, certas palavras, certos gestos e formas que nos tinham escapado. E também aquilo que nos tinha impressionado e comovido pode perder muito do seu poder sugestivo, despojando-se da aura ou do prestígio que o rodeavam. Neste sentido, renasceu uma criança em nós e veio dialogar com nossa velhice, transformando-nos numa velha criança.

(*) *Todo este parágrafo contém citações de Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi, encontradas no livro "Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos", São Paulo, T. A. Queiroz, 1979, pags. 19-22.*

(*) *Obra citada*

FINITUDE

Finitude é a qualidade de tudo que é finito, de tudo que tem um fim, tudo que é transitório, passageiro, tudo o que se completa e é exaurível, esgota-se. Finito é o que tem contornos, um certo acabamento, o finito é o que tem limites. É o que é parte no mundo, o finito é o que existe, é um ser-em-situação, um ser situado: aquilo que é no interior de condições determinadas, aquilo que age no interior de condições determinadas; aquilo que é parte no mundo e toma parte nele. A infância é finita, a velhice é finita, a vida é finita e seu limite é a morte.

Experiências do finito são experiências do que passa, experiências de um limite, de uma situação, uma condição, experiência de mortes. Experiências que atravessam a criança, o jovem, o adulto e o velho.

Nossa disposição para a finitude não costuma ser espontânea. Na verdade, é possível até considerar, com a Psicanálise, que somos movidos por forças que originariamente suspendem nossa relação com o finito, com o limitado e fazem buscar satisfações ilimitadas e imediatas, sem que seja necessário o diálogo gradual com as coisas, com os outros; sem que seja necessário - para alcançar nossos alvos - sofrer o peso de um obstáculo, daquilo que indica a presença do mundo e reclama nossa atenção.

Os existencialistas reconhecem no caráter finito do homem o indicador de nosso modo de ser no mundo. Todo projeto de mundo que um indivíduo possa sustentar já está marcado pelo mundo mesmo, atraído e banhado pelo mundo que limita nossos poderes, põe em situação nossos projetos. Nossa liberdade se exerce no finito, não liberdade desligada, sobrevoante, indiferente à carga do mundo - a gravidade do mundo é o meio de nossa leve liberdade.

Os poderes humanos não são ilimita-

dos e incondicionais. O fracasso de um projeto, de uma iniciativa, de um caminho, ao invés de assinalar debilidade, deveria antes confirmar nosso modo encarnado de ser-no-mundo.

Tomar parte no mundo, se não implica desligar-se do mundo, também não implica nele enterrar-se, mas residir nele, habitá-lo. O homem é, ao mesmo tempo, sua situação e suas escolhas.

Consideremos (*), por exemplo, a situação de um escultor em sua oficina: cinzel e formão nas mãos, cortando, chanfrando e polindo a pedra. Quem é o sujeito da obra que se vai realizar? Seria o escultor? A pedra?

O escultor não está diante da pedra como diante de matéria inerte, inteiramente disponível para a imaginação do artista. A pedra não é passividade pura ante a vontade imperiosa do escultor. A matéria reage. Quando o escultor atinge a pedra, esperando uma ondulação, a pedra pode decepcioná-lo com uma linha angulosa ou com uma rachadura. O artista deverá ouvir a pedra, auscultá-la como a uma pessoa. A dura presença da pedra não chega, todavia, a esmagar o escultor, guiando rigidamente os seus gestos. A escultora será o resultado em que se empenhou, ao mesmo tempo, o homem e a matéria.

O sujeito da obra não está perfeitamente do lado do escultor nem tampouco do lado da pedra, mas está entre eles. O escultor é informado pela pedra e a pedra é animada pelo escultor. A escultura será o resultado dos encontros e desencontros entre o escultor e a pedra. O escultor transforma a pedra, mas apenas na medida em que se deixa atrair pelas necessidades da matéria: o escultor faz seus os limites da pedra.

A pedra fala ao escultor e através de muitas vozes. A matéria não é unívoca, não é homogênea. O escultor alcança sua porosidade, mas também esbarra em seus trechos compactos e fechados. Experi-

(*) Os pensamentos que se seguem sobre "o escultor e a pedra" estão baseados nos seguintes textos:

Alfredo Bosi, "Fenomenologia do Olhar", no livro *O Olhar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Simone Weil, "Desapego" e "Contração", no livro *A Gravidade e a Graça*, São Paulo, ECE, 1986.

Umberto Eco, "A Estética da Formatividade", no livro *A Definição da Arte*, São Paulo, Martins Fontes, 1986.

menta sua coesão, mas também encontra seus pontos quebradiços.

O escultor precisa enfrentar e vencer a angústia da pressa. Precisa morar na pedra, demorar-se ao seu lado. Enquanto é surpreendido pelas respostas da pedra, faz pausas, ruminando detalhes imprevistos. Descansa. Contempla. Mira e admira. Aos poucos, sua percepção da matéria torna-se variada e minuciosa. O conhecimento que o escultor tem da pedra é contraditório. Contraditório, não por tratar-se de um conhecimento confuso, mas por tratar-se de um conhecimento matizado que acompanhou a história da obra.

Quanto mais o espírito prova a contradição no objeto, mais cresce nele o sentimento da realidade do objeto.

O escultor aguarda longamente a festiva aparição de uma forma que a pedra está prestes a assumir: ele espera a obra. Ao mesmo tempo, vai ao seu encaço, como que segue pistas, rastros, pegadas. O escultor recua diante do objeto que persegue. O pressentimento da obra vai se tomando cada vez mais sólido. Gradualmente, o escultor se sente ligado à pedra, aos seus instrumentos, ao seu corpo, à sua oficina, em profundo companheirismo. Os objetos são seus amigos. Amizade tensa, feita de aproximações e recuos, mas chama-se amizade.

O escultor não se apropria da pedra, como de uma coisa oferecida ao seu comando. Só a possui se houver desapego em suas mãos, em seu olhar. (Certa vez, uma amiga me contou que seu filhinho de três anos havia feito a primeira experiência do sagrado: ela montava uma árvore de natal, enquanto o filho tudo observava atentamente. A mãe espalhou minúsculas lâmpadas brancas pela árvore. Acendeu. A árvore brilhou como se o brilho viesse de dentro. O rosto da criança se iluminou e o menino tomou distância, encantado. Foi, então, se aproximando devagar, hesitando, estendendo a mãozinha como se quisesse tocar a luz).

O escultor não é súdito da pedra.

Também não é seu imperador. Sua liberdade onsieste nesta dupla recusa: recusa ser dominado e recusa dominar.

O escultor frequenta sua finitude e a finitude da pedra. Ao final, na obra concluída, reconhecemos um homem apanhado pela pedra,⁽¹⁾ reconhecemos a pedra visitada por um homem: será, então, indiferente dizer que a obra é a "matéria humanizada" ou é o "homem materializado". E a obra também é finita.

A tarefa de um escultor não é brutal, mecânica e veloz, como as tarefas que a fábrica impõe ao operário. Nas linhas de montagem encontramos o trabalhador comprimido pelas ordens, pelo ritmo acelerado das máquinas, pela monótona cadência de cinco ou seis operações bestiais e repetitivas, sem poder pensar e sentir o que faz. A condição operária destrói a liberdade, impondo tarefas fechadas, simplificadas, tarefas duras, sem aberturas. A humilhação consiste nisso: numa degradação, em que a capacidade de nos deslocarmos na finitude diminui drasticamente, encolhendo o espírito, endurecendo os gestos.

Simone Weil, (*) uma pensadora francesa que em 1934 tornou-se fresadora na Renault (uma fábrica de automóveis), registrou um episódio amargo em seu "Diário de Fábrica". Numa terça ou quinta-feira, de manhã, anota: "Saíndo do dentista e subindo no ônibus, reação estranha. Como eu, a escrava, posso entrar neste ônibus, usá-lo graças a meus doze centavos, como qualquer um? Que favor extraordinário! Se me obrigassem brutaemente a descer dele, dizendo que meios de locomoção tão cômodos não são para mim, que eu só devo andar a pé, acho que até me pareceria natural. A escravidão me fez perder totalmente o sentimento de ter direitos. Parece-me um favor ter momentos em que não preciso agüentar a brutalidade humana".

Nesta experiência, vejam que o sentimento de dignidade está quebrado, desfeito. Deixou de ser espontâneo. É preciso

(*) *A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

um esforço de atenção para conservá-lo. Numa situação de opressão contínua, a submissão é que se torna espontânea, torna-se automática.

Simone Weil conta ter visto, certa vez, mulheres esperando dez minutos debaixo de uma chuva torrencial, ao lado de uma porta aberta, pela qual passavam os chefes. Elas só entraram quando deu o sinal. Era a porta de uma fábrica. As mulheres eram operárias.

Aquela porta era mais estranha para elas do que a de qualquer casa desconhecida, onde entrariam com naturalidade para se abrigarem. A fábrica é, para o operário, um lembrete permanente de que não está em casa. Nenhuma intimidade liga os operários aos lugares e aos objetos entre os quais sua vida se esgota; a fábrica faz deles estrangeiros em sua própria terra. A fábrica é opaca, impermeável. Espreme. Espremido na finitude é o humilhado, o escravo, o operário. É o homem, quando impedido de participar nas conversas, na vida de família, no trabalho, na vida da cidade.

Em 1936, Simone Weil testemunhou uma greve de metalúrgicos na região parisiense e escreveu: "depois de ter vivido sempre dobrado, aguentando tudo em silêncio durante meses e anos, ousou, finalmente, levantar-se. Ficar de pé. Chegou a vez de falar, de sentir-se homem, durante alguns dias. Independentemente das reivindicações, esta greve é em si mesma uma alegria. Sim, uma alegria".

E explica: A alegria de entrar na fábrica com autorização sorridente de um operário que vigiava a porta. Alegria de encontrar palavras de acolhimento. Alegria de ouvir, em vez do barulho impiedoso das máquinas, música, cantos e risos! Passear entre máquinas caladas, que não cortam mais dedos. Alegria de ver os chefes tornando-se familiares, por força, apertando mãos, renunciando completamente a dar ordens, esperando a sua vez para apanhar o cartão de saída que o comitê de greve distribuía.

Ninguém é ruim. É claro que a gente gosta de mostrar aos chefes que eles não são os mais fortes. Chegou a vez deles. Isso faz bem. Mas a gente não é cruel. Estamos muito contentes. Alegria de dizer o que está no coração para os outros, nesses lugares em que dois operários podiam trabalhar meses seguidos, lado a lado, sem que nenhum soubesse o que o vizinho pensava. Alegria de, entre máquinas, viver no ritmo dos movimentos naturais, no ritmo das batidas do coração e da respiração e não na cadência imposta pelo cronometrista. A alegria de percorrer as seções, enfim possuindo em pensamento o conjunto da fábrica e com orgulho novo mostrá-lo aos familiares, explicando-lhes onde está o seu trabalho.

Pela primeira vez e para sempre, finalmente haverá em torno destas máquinas pesadas outras lembranças flutuando, e não as da opressão. Lembranças que põem um pouco de orgulho no coração, que deixarão um pouco de calor humano em cima de todo esse metal.

Na greve de 1936, as reivindicações tiveram menos peso do que a necessidade de se sentir, ao menos uma vez, em casa, dentro das fábricas. E Simone Weil adverte: os operários só se sentirão em seu país, membros responsáveis pelo país, quando se sentirem em casa, na fábrica, enquanto trabalham. A vida social está corrompida até a medula no mundo em que os operários se sentem em casa, quando fazem greve, e estranhos, quando trabalham. O certo seria o contrário.

No pensamento de Simone Weil (*) comparece a noção de FORÇA: trata-se de um impulso ao mesmo tempo material, psíquico, moral e político.

A força é o que curva aqueles sobre quem é aplicada: os vencidos. A força é o que arrasta e deixa obsecados aqueles que imaginam possuí-la: os vencedores.

O vencido é só passividade. O vencedor é só atividade. O vencedor é causa de infelicidade para o vencido. O vencido é causa de infelicidade para o vencedor.

(*) "A *Iliada* ou o Poema da Força", no livro *A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão*.

Irmãos na mesma miséria.

O domínio da força é comparável ao domínio da natureza. Imagine-se um homem ante toneladas de água que, num maremoto, caminham cegamente em sua direção. O domínio da força é assim também: incessante, duro, frio, esmagador. Ante as águas volumosas de um maremoto, fica ali o homem, só, despossuído de sua vida interior - nenhum gesto, nenhuma palavra que possam agir sobre a situação, que se impõe feito um destino surdo. Como uma arma dirigida contra alguém: a pessoa se torna ninguém antes mesmo de ser ferida.

Os seres humanos, diz Simone Weil, têm apenas por sua presença um poder: o de deter, o de modificar nossos movimentos. Numa rua, nós não nos desviamos de um poste, da mesma maneira que nos desviamos de um transeunte - de um outro homem. Ninguém, em seu quarto, anda, sente, levanta da mesma maneira que quando tem uma visita. Mas esta influência da presença humana não é exercida pelo vencido: os outros se movem como se não estivesse ali e ele, por sua vez, imita não estar ali. Nos humilhados, a situação não parece aberta para algo que venha deles próprios.

Não há um só homem que não seja obrigado, em algum momento, a curvar-se sob a força em alguma de suas modalidades. O forte nunca é totalmente forte, nem o fraco totalmente fraco, mas ambos o ignoram. Não se julgam da mesma espécie. O fraco não se considera semelhante ao forte nem é visto como tal.

Os vencedores agem como se o meio não lhes oferecesse nenhuma resistência, como se nada na matéria humana, ao seu redor, fosse de natureza a suscitar entre seus impulsos e seus atos, alguma pausa, um intervalo onde vêm se abrigar a atenção e o pensamento. A força inebria os que julgam possuí-la: não consideram sua própria força uma quantidade limitada; a partir de então vão inevitavelmente além da força que de fato possuem. Esquecem de fazer uso da vitória como de algo que vai passar. Os vencedores arrastam porque são arrastados pela embriaguez de um

poder ilimitado que imaginam possuir. Pretendem o mundo sem o mundo: o mundo perde sua solidez e desmancha-se no ar.

Os vencidos estão mobilizados na finitude. Os vencedores estão fora dela. A humilhação é finitude sem porosidade. A denominação é perda da finitude.

O PASSADO, A FINITUDE E O RENASCIMENTO

Simone Weil ainda nos acompanha: "é vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma saída. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe a nossa própria vida. Mas para dar, é preciso ter e não temos outra vida, outra seiva, a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana, não há outra mais vital que o passado."

Para Simone Weil, o amor pelo passado nada tem a ver com desprezo ou indiferença pelo presente e com apego paralisante ao passado.

O sentimento do presente com suas farpas e pétalas, a consciência de tudo aquilo que no presente anda e desanda não devem faltar naquele que lembra. Caso contrário, caímos em nostalgia.

A nostalgia nasce no espírito indefeso que não suporta a visão do presente e então se evade: foge para o passado, um passado de ouro, meio falsificado e que distrai nossas dores. A memória, pelo contrário, é ir ao encontro do presente depois de se ter banhado nas visões de um outro tempo. A memória vai debulhar lembranças (como se faz com o trigo), vai lapidar lembranças (como se faz com diamantes), vai reunir lembrança com lembrança (como fazem os cientistas e os índios na observação e classificação das espécies): e tudo isso é para ir depois melhor brincar e brigar com o presente.

Quem lembra sofre. Pode sofrer muito. É que às vezes quem lembra é

quem se deixa tocar por qualidades preciosas que o presente matou. Lembrar dói e a lembrança dolorosa pode se tornar, por meio de um esforço, o instrumento da nossa interrogação do presente, um meio de atravessá-lo e não de encobri-lo.

Nostalgia é apego ao passado. A memória é amor pelo passado: longa convivência com experiências pessoais e sociais que se foram e que ficaram suspensas no ar, à espera de nossa recordação. Quem entra em nostalgia se detém. Quem lembra vai revirar o passado; e a lembrança, aqui e agora, vai alimentar nossa coragem. Coragem é palavra que vai buscar sua raiz no latim *cor*, *cordis*: coração. Coragem, então, quer dizer: uma ação que tem seu princípio, sua fonte, seu motivo, no coração.

Quando há apego ao passado, o passado torna-se pleno e a gente se esvasia: cresce nosso desamparo e nosso medo. Quando há amor pelo passado, as lembranças vêm alimentar o coração de qualidades que vão bombar nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossas palavras e nossos gestos.

Para Simone Weil, mesmo uma revolução, como qualquer outra atividade humana, deve extrair sua seiva de uma tradição, fazendo-a dizer coisas que ainda não disse (não disse nem mesmo no passado). A filósofa cismava com mudanças sociais só apoiadas na imaginação do futuro: o futuro não oferece oposição a nossos desejos, tudo cabe na imaginação do futuro. Diferente do que se passa na imaginação do passado: quando lembramos, inventamos um pouco o passado, mas apenas um pouco - porque o passado existiu, independentemente de nós (ora veio em nosso benefício, ora veio em nossa desgraça). O passado não permite que se diga qualquer coisa dele.

Buscamos harmonias, mas o passado nunca foi perfeitamente harmonioso: lá estava o bonito, mas também o feio; lá estavam as formas ordenadas, com coerência e simetria, mas também alguma boa desordem; lá vislumbramos soluções,

mas também desesperos; êxito e fracasso; o amor e o medo; a luta e o silêncio; a preguiça e a pressa; numa palavra: a vida e também a morte.

Assim, que, para Simone Weil, a relação com o passado deve conduzir o desejo a uma imersão nos perfumes de uma contradição. Uma contradição é, para Simone Weil, uma prova de realidade: um espírito, que não se relaciona com a contradição, perde o sentimento da presença (livre, independente) das coisas e das pessoas. Perseverando na atenção às coisas e às pessoas, nós nos chocamos em algum momento com uma contradição: neste momento produz-se em nós como que um descolamento, um desapego. O apego é disparado sempre na direção de coisas e pessoas percebidas como seres homogêneos e sem tensões, que parecem feitas na medida das nossas ambições, são objetos ilusórios. O emprego é sempre uma insuficiência no sentimento de realidade, no sentimento de contradição.

Adélia Prado (*) lembra o dia em que João Antonio, seu irmão, nasceu: "entrei no quarto querendo festejar e falei sem graça: "a cara da senhora parece que tá com raiva, mãe".

*O Senhor te abençoe e te guarde,
Volva a ti o Seu Rosto
e se compadeça de ti,
O Senhor te dê a Paz.
Esta é a bênção de São Francisco,
que foi abrandando o rosto dela,
descansando, até como ficou,
quase entusiasmado.
Era raiva não. Era marca de dor.
Eh, Meu deus,
quanto jeito tem de ter amor "*

Da. Risoleta (*), filha de escravos libertos, lembra do pai: "meu pai era bom, ele sabia contar histórias de varinha de condão e a gente ficava em roda dele de noite; quando fazia frio, ele mandava acender o fogo no meio da casa, que era de chão batido, e contava história. Meu pai era delicado, ele não falava uma palavra que não tivesse rima, falava tudo rimado.

(*) "Sem enfeite nenhum", no livro *Contos Mineiros*, São Paulo, Atica e Minas, 1984.

O dia em que ele estava bem disposto, tudo tinha versinho, mas aquilo bem acentuado, bem rimado.

“As histórias que ele contava eram coisas maravilhosas. Nós tivemos uma infância! A gente era pobrezinho mesmo, mas tinha uma alegria dentro de casa”.

“Na chácara tinha um rancho grande, no fundo, e meu pai era hospitaleiro. Quando passava viajante, boiadeiro, ele dava pousada. Mandava recolher o gado no pastinho que tinha e mandava matar frango à noite, fazer comida praquelas pessoas. Jogava colchão de palha de milho no chão pros viajantes dormir. Dentro de casa ele não botava ninguém, tinha os filhos dele que precisava respeitar”.

“Minha infância não foi ruim, minha infância foi boa. Eu fui sempre muito alegre, nem queira saber como eu me divertia. Os pais eram muito severos, meu Deus do céu, não quero criar filhos assim. Quando eu me fiz gente e tive meus filhos, criei diferente, quis criar meus amigos”.

O pai bom e delicado é o mesmo pai que não cria filhos como amigos. O pai contador de histórias, hospitaleiro e respeitador dos filhos, é o mesmo pai recusado como modelo na criação dos filhos. Infância boa e feliz e os pais severos, meu Deus do céu.

Contradições. A mãe Adélia, que acaba de ter um menino, tem cara que parece de raiva. Marca de dor. Felicidade dolorosa. Contradições. Quem lembra, descobre muitos perfis: uma pessoa é mais de uma, uma coisa é mais de uma, um fato é mais de um. Quem lembra, cruza contradições. E pode recuperar a unidade de pessoas, coisas e fatos numa percepção mais complexa e profunda dos seres e do mundo.

Como a fantasia do futuro costuma tornar uniformes nossos sonhos, sem misturas, a imaginação pode-se desembarçar do diálogo tenso com o mundo e criar personalidades autoritárias: ou as coisas, as pessoas e os fatos seguem o curso esperado ou será preciso-forçá-los. O pas-

sado, pelo contrário, recebe nossos sonhos mas reclama nossa atenção. Quem demora numa lembrança, percebe que o mundo surpreende: pretende-se nele e contrair um único valor e, quando menos se espera, abre-se em valores diversos e que nem sempre combinam perfeitamente.

Nessas horas, o passado pede que nossos sonhos estridentes façam silêncio, deixando as lembranças operarem no espírito, que é para melhor atinar na natureza do mundo. Quem lembra, empurra menos as coisas e os fatos, grita menos com as pessoas. A convivência com o passado ensina esforços não apegados a seus alvos: o mundo não existe para satisfazer nossos desejos abrutalhados, é preciso recebê-lo, gostando e não gostando dele. Uma lembrança pode frustrar nossos sonhos, mas sempre inspira sonhos mais duradouros.

Germinou nas Sociedades do Grande Mercado sua ideologia mais conveniente e a mais celebrada: a ideologia do progresso, a ideologia do progresso, a ideologia do progresso industrial. A defesa apaixonada do avanço industrial levamos precipitadamente a confundir passado e atraso.

O professor Fernando Peres (da Universidade Federal da Bahia), quando investigou as circunstâncias que conduziram, no início do século, à demolição da famosa Sé Velha de Salvador e de outros trechos da cidade, relatou-nos um episódio chocante.

A preparação de um estado de ânimo favorável às reformas progressistas leva o Jornal de Notícias de Salvador a realizar uma enquete... com preenchimento de um cupom, no qual deveriam os leitores apontar três itens em resposta à pergunta: “De que é que mais precisa a cidade?”

E diziam os redatores do Jornal com o exagero peculiar aos “progressistas”:

“A velha cidade de Thomé de Souza, longos anos parada, quase desde o tempo do fundador, sente agora o movimento

(*) “Lembranças de Da. Risoleta”, no livro *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, já citado.

das reformas”.

“Muitíssimas coisas lhe faltam em todos os terrenos. E como não é possível fazer tudo numa assentada, vem oportuna a pergunta que o Jornal de Notícias dirige a seus leitores”:

“De que é que mais precisa a cidade?”

As respostas chegaram:

- Higiene nas ruas
- Saneamento geral e estético
- Avenidas
- Civilização
- Ruas bem calçadas
- Supressão de vielas
- Derrubar o imundo Teatro S. João
- Ruas largas e iluminadas
- Tudo quanto precisa uma cidade moderna
- Ser uma cidade e não uma roça
- Fazer de cada batina uma farda, de cada igreja uma escola
- Avenidas, calçamentos, edifícios
- Progresso
- Conquistar as cidades civilizadas
- Transformar-se de vasto cemitério em jovial cidade

Vejam que, nessas sugestões, o passado está rigidamente identificado com o ultrapassado, com o obsoleto, o primitivo, com o imundo. Desse modo, o lugar da memória torna-se bastante desprestigiado: lembrar o quê? As vozes do passado são postas à margem; a voz oficial do progresso só sabe arrastar para rejeições cegas. A visão do passado causa arrepios aos “refinados” que desejam ostentar aparências vazias de avanço social.

Não por acaso, entre as sugestões que foram enviadas à redação do Jornal de Notícias, outras não vacilaram em chegar:

- Emigração do elemento negro

- Expulsão de todos os turcos
- Une compagnie pour l'exportation des negres de race (Uma companhia para a exportação de negros de raça)
- Deportação da metade dos negros.

O encantamento do progresso produz o mito da Cidade Industrial como medida de Civilização. E este mito, precário e no entanto dominante, excita os espíritos grosseiros e intolerantes (que tratam questões sociais como questões de higiene) e abre área para o racismo.

O progresso, tal como é imaginado e ativado nas sociedades burguesas, dispara em nós a obsessão do moderno. Aflitos, perseguimos uma cidade mudada, mas raramente uma Cidade Livre, ou se quisermos: a novidade, mas raramente a felicidade. A idéia de Progresso adquire, assim, o estatuto de uma compulsão, de um motivo abstrato: um motivo sem motivos, um motivo embriagante que se desliga da atenção e da realidade. Toda compulsão, na verdade, é a repetição aloprada de motivo absolutizado: no caso do Progresso, o motivo do Capital.

Paisagens humanas: a casa, o bairro, a cidade. A convivência qualitativa com esses espaços só é possível enquanto não forem destruídos ou reduzidos a espaços de rendimento econômico. O espaço das experiências, das lembranças, das histórias e dos mitos, das festas e dos comícios, não é o espaço da compra e venda das mercadorias.

É preciso oposição às transformações urbanas sempre que impliquem violência, ou seja, achatamento das relações sociais sob a força das relações de mercado.



JUVENTUDE PARA OS VELHOS

Os jovens, freqüentemente, dispensam aos mais velhos um tratamento bastante desagradável. As agressões assumem formas variadas - das mais sutis às mais evidentes - e o relacionamento, antes cordial, aos poucos se deteriora.

EDITH MOTTA
Assistente Social

Preliminarmente, devo esclarecer que não me detive na análise de pesquisas já realizadas e nem me foi dado fazer um estudo mais profundo sobre o assunto. Debrucei-me sobre experiências pessoais - novas e antigas - e sobre o que me foi lembrado por amigos - velhos e jovens.

Muito se fala sobre o conflito das gerações e ele é inegável. No entanto, parece haver certa afinidade entre os muito velhos e os muito jovens. Nos idosos dos anos 60, Pedro BLOCH assinava na revista MANCHETE uma página semanal intitulada CRIANÇA DIZ CADA COISA... e nela, certa vez, relatou o diálogo entre um avô e um neto refestelado em seu colo:

- você sabe que, amanhã, é aniversário do vovô?
- sei
- e você escolheu um presente para o vovô?
- eu não encontrei o presente que eu queria...
- o que você queria?
- eu queria um avô para ele. (*)

Esta história, em sua emocionante pureza, sugere uma pergunta: quem não gostaria de ocupar o lugar deste avô? Outra indagação, bem mais profunda, é: por que um neto, às vésperas

(*) Não guardei o original de Pedro BLOCH e é provável que o relato haja sido alterado em sua forma. Garanto, porém, o conteúdo do texto. Desculpo-me junto ao autor e agradeço a quem me ajudou a reunir os dados eticamente necessários à transcrição de obras alheias.

do aniversário do avô, sai à procura de tal presente?

Os amadores da gerontologia - cada dia mais numerosos - responderiam de pronto: porque velho é criança. Fosse verdadeira tal reflexão e o diálogo perderia sua força, sua beleza e sua essência.

É evidente que o menino desejava oferecer ao avô uma coisa por ele entendida como importante; uma coisa da qual ele gostava tanto a ponto de, sem renunciar ao próprio avô, pretender encontrar um outro para presentear o aniversariante. Mas por que o menino gostava tanto do avô? Sem dúvida, porque se sentia amado pelo avô; porque o avô o punha no colo e com ele dialogava; porque o avô não pretendia educá-lo; preferia conversar, insinuar que gostaria de ser lembrado no seu aniversário, deixando ao neto a tarefa de escolher a maneira de homenageá-lo.

E que homenagem recebeu esse velho... E por não tentarem educar os netos, os avós com eles estabelecem uma relação rica, amorosa, invejável.

O chamado "conflito das gerações", a meu ver, tem início no momento em que os velhos começam a perceber que os mais novos têm vontade, preferências, idéias próprias e, aos poucos, ganham mais e mais independência. Os mais novos, ao mesmo tempo, começam a perceber que a santidade dos avós não é assim tão grande e que, talvez, seja até melhor não encontrar à venda semelhante espécime.

Neste momento, a voz do povo traduz os sentimentos de ambas as partes. Os velhos, olhando os jovens numa atitude de superioridade ou pretensa compreensão, suspiram: "antigamente...", ou "você ainda é muito jovem...", ou "no meu tempo...". Simultaneamente, os jovens advertem: "o seu tempo... já era...". As deprecições recíprocas estão registradas num velho ditado: "se a mocidade soubesse, e

se a velhice pudesse...". Traduzindo: os jovens são ignorantes e os velhos incapazes.

Em tom pretensamente brincalhão, os jovens garantem: "quem gosta de velho é reumatismo", ou: "velho é trapo, mas tem serventia".

Também as músicas populares revelam os sentimentos dos jovens: "o velho gagá, já deu o que tinha que dar", ou falam de coisas bem mais sérias:

"Se eu soubesse,
naquele dia o que eu sei agora
eu não seria esta mulher que chora,
eu não teria perdido você". (*)

Por esta quadra se conclui que a ignorância da juventude é responsável pelo sofrimento da maturidade e a solidão da velhice.

Se os ditos populares forem levados ao pé da letra, chega-se à triste certeza de que é impossível resolver esse tipo de problema. Um velho doente sugere a possibilidade de ser ele o "atestado triste de um passado alegre" o que, com frequência, é uma grande injustiça. Quem já não ouviu falar da irmã Dulce?

Felizmente, muitas provas de carinho estão gravadas em nossos corações, em livros e documentos e também na música popular. Na década de 30, quando ainda os compositores se preocupavam em criar músicas de carnaval, cantava-se: "Quando eu for bem velhinho, bem velhinho e usar um bastão eu hei de ter um netinho pra me levar pela mão". (*)

O velhinho com bastão não pensou na mulher, no irmão, no filho, ou no amigo. Sonhou com o netinho que o levaria pela mão.

Mas os choques de geração, na realidade, são freqüentes e, ao que se saiba, não existe data marcada para que eles se iniciem. Eles nascem e crescem de maneira insidiosa, levando, freqüentemente, a

(*) Ignoro as fontes bibliográficas para tal citação.

(*) Também desconheço as fontes bibliográficas.

uma completa inversão de papéis. O próprio Cristo, nas bodas de Caná, comportou-se de modo a não deixar dúvida sobre as mudanças ocorridas nas formas de relacionamento em sua própria família. Quando sua mãe lhe fala sobre a falta de vinho para os convidados, ele responde: "mulher, o que há de comum entre nós dois? Ainda não chegou a minha hora". E Maria, numa clara demonstração de que os papéis estavam definitivamente invertidos, ordena aos servos: "fazei o que Ele mandar". (*)

Essas reflexões introdutórias servem para ressaltar o caráter freqüentemente ambíguo, contraditório, ambivalente, muitas vezes doloroso e paradoxal das relações entre os que não mais são jovens e os que ainda o são. Minhas reflexões, enriquecidas com as sugestões de inúmeros amigos, levaram-me à conclusão de que o assunto pode ser apresentado em quatro itens, cada um deles subdividido em outros tantos, a saber:

Os sentimentos dos velhos em relação aos jovens.

Os temores dos velhos em relação aos jovens.

As recriminações dos velhos em relação aos jovens.

As expectativas dos velhos em relação aos jovens.

SENTIMENTOS DOS VELHOS EM RELAÇÃO AOS JOVENS

Os sentimentos dos velhos em relação aos jovens talvez possam ser reunidos em quatro grupos, a saber:

1. Inveja

O velho sente inveja da juventude e da beleza que o jovem possui e ele já perdeu; da independência, da disposição e da força física do jovem. Sobretudo, o

velho talvez inveje as perspectivas que a vida oferece aos jovens e não mais lhe oferece nas áreas pessoal, familiar, profissional e social.

2. Orgulho e ressentimento

A alegria dos pais ao testemunharem os progressos profissionais, sociais e econômicos, dos jovens é freqüentemente prejudicada pelos ressentimentos acarretados pelas mesmas realizações. Diziam-me um trabalhador manual: "meu filho é doutor" e o que ele tem na cabeça não caiu do céu. Custou muito calo nessa mão grossa e pesada que é a minha. Ele agora sente vergonha de mim e de minha mulher. Mas sem nós ele não poderia ter aprendido tanta coisa...".

Com a simplicidade das pessoas puras, esse homem se orgulhava dos resultados de seus esforços - um filho doutor - e lamentava o resultado negativo do processo - a vergonha do filho por ter pais ignorantes. A ascensão social acarreta alegrias envoltas em sentimentos de tristeza.

Mas o orgulho e a tristeza não andam, necessariamente, juntos. Os pais - e os adultos em geral - podem sentir orgulho dos seus sucessos alcançados pelos jovens como também podem experimentar ressentimentos pelo fraco aproveitamento dos esforços por eles despendidos. As duas situações são legítimas e freqüentes.

3. Alegria e irritação

Os idosos gostam quando são lembrados pelos jovens. Visitas, cartas e telefonemas são iniciativas que agradam aos mais velhos. Eles se sentem queridos e apreciados. Mas se as visitas se prolongam demais, se os jovens mexem no que não devem, se fazem muito barulho, se

(*) São João, cap.II, Versículo 4.

colocam perguntas indiscretas, se adotam comportamentos sentidos como inadequados, os mais velhos se irritam. Dizia-me uma senhora: "quando meus netos vão embora eu sinto uma saudade aliviada...".

A meu ver, esta expressão - saudade aliviada - traduz, com rara felicidade, o sentimento dos mais velhos ao se despedirem dos jovens; eles têm saudades da criançada, mas a constante agitação, o barulho, a desordem terminam por irritar aqueles que não podem participar das mesmas atividades e freqüentemente não são convidados para que o façam.

Os velhos também apreciam quando os jovens se lembram de convidá-los para qualquer coisa - casamento, aniversários, festas, passeios - mas tais eventos podem resultar, simultaneamente, em alegria e irritação. O mesmo se pode dizer das comemorações: centenários, inaugurações, premiações, festas de formatura. Do que me é dado observar, a alegria é uma decorrência direta do fato de haverem sido lembrados; a irritação é fruto, sobretudo, de aspectos ligados à natureza do programa, sua duração, conteúdo, conforto, local etc. Decorre, ainda, da atenção dispensada aos convidados, das possibilidades de contatos pessoais gratificantes etc.

Quero dar um destaque especial à importância das surpresas como elemento favorecedor de alegrias para os mais vivos. Em minha própria experiência de vida, concluí que os velhos gostam de mandar, gostam de participar e gostam de decidir (aliás, como todo mundo). Mas também gostam de homenagens preparadas em segredo. Sentem prazer em descobrir que, pelas costas, algumas pessoas se preocupam em oferecer-lhes coisas diferentes, fora da rotina, improváveis. Esta é uma circunstância em que as alegrias, provavelmente, superam irritações oriundas dos mesmos acontecimentos.

4. Superioridade e inferioridade

O caráter muitas vezes contraditório e ambíguo das relações entre velhos e jovens pode resultar em sentimento simultaneamente de superioridade e inferioridade entre representantes de duas ou mais gerações.

O lado mais evidente da questão parece estar relacionado aos aspectos profissionais. Um comandante da aviação comercial, aposentado há alguns anos, contou-me: "outro dia entrei numa cabine de aviação. Caramba, eu tive a impressão de estar entrando numa nave espacial... não sei como aquele troço funciona... e eu era tido como um bom comandante..."

Paralelamente a observação deste teor, as mesmas pessoas comentam que o treinamento antigo era mais rigoroso, mais severo, mais cuidadoso, mais isso e mais aquilo.

E o caso citado diz respeito apenas a uma profissão que, todos sabem, muito avançou nos últimos tempos. O que falar dos progressos da medicina, da engenharia etc. O que dizer das invenções hoje colocadas nas mãos de crianças: computadores, máquinas de calcular e que sei eu?

Os velhos, freqüentemente, sentem-se mais sábios que os jovens e eu me pergunto, com certa curiosidade, o motivo de semelhante convicção. Será por que os antecedemos nesta vida? Alguma razão deve haver.

O binômio superioridade/inferioridade também pode ser observado em relação às experiências sociais e ao desenvolvimento intelectual. No primeiro caso - experiências sociais - é bem provável que os jovens levem algumas vantagens. Eles conhecem o planetário e a disneyworld, andam de short pelas ruas, nasceram vendo TV, sabem trabalhar com os computadores, muitos já andaram de avião e tantas outras coisas inimagináveis nos tempos de antigamente.

No que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, vamos conceder aos velhos uma experiência maior. Afinal, nós começamos mais cedo e, ao menos teoricamente, devemos ter a cabeça mais desenvolvida.

TEMORES DOS VELHOS EM RELAÇÃO AOS JOVENS

Outros sentimentos dos velhos em relação aos jovens podem ser reunidos sob o título geral de "temores". Muitos idosos sofrem, pensando nas dificuldades pelas quais podem passar ou estar passando os jovens de hoje. Muitas vezes, tais preocupações são fruto da falta do que fazer; outras, os velhos têm sobejas razões para temer a sorte dos mais novos. Vejamos:

1. A sociedade atual

Antigamente, dizem os mais velhos, podia-se fazer isso e aquilo, havia segurança, a moeda era estável... Mas quem abrir o livro de um assunto antes rotulado como HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, descobrirá, sem grandes esforços, que a chamada História da Civilização nada mais é do que uma vasta seqüência de guerras.

O primeiro receio dos mais velhos em relação aos jovens talvez seja o de colocá-los na atual sociedade que, em muitos aspectos, talvez se assemelhe à de nossos antepassados. Mudam as formas pelas quais as dificuldades se apresentam. O abandono e o extermínio de menores são formas cruéis e alarmantes e os meninos de rua se constituem em caso à parte. As desigualdades sociais são aberrantes - e sempre o foram - a insegurança é total. Neste aspecto, talvez tenha havido realmente um agravamento da situação.

No meu tempo de jovem, as jóias de família passavam de geração em geração, os meios de transporte eram freqüentados com segurança, as pessoas viviam em

casas, os seqüestros ocorriam no estrangeiro, eram raros e, por isso, comentados no mundo inteiro. Na década de 30 soube de um único seqüestro - divulgado como "rpto do filho de Charles Lindenberg". Todos lamentavam a sorte do menino e de seus pais. Talvez muitos poucos tenham pensado na possibilidade de algo parecido acontecer em suas famílias.

Hoje, todos têm medo de sair às ruas, os edifícios estão gradeados, os bancos possuem sofisticados mas insuficientes dispositivos de segurança. Ser rico tornou-se, a meu ver, uma das situações mais perigosas de nossos dias e não consigo entender os motivos pelos quais tantas pessoas apostam nas inúmeras loterias: loto, sena, raspadinha, loterias federal e estadual e que sei eu?

Outras dificuldades são as reduzidas oportunidades profissionais. Aumenta o número de habitantes mas os recursos educacionais para atender aos que chegam são insuficientes e inadequados, os programas de medicina preventiva e curativa também o são, os investimentos não satisfazem as necessidades humanas básicas. Este é o quadro no qual deve mover-se o contingente, a cada dia mais numeroso, da população brasileira. E os idosos temem que os jovens de hoje não consigam inserir-se condignamente na sociedade em que são lançados.

E tudo isto, e mais o que não pode caber em documento necessariamente resumido, leva à instabilidade social, bastante conhecida dos mais velhos e dolorosamente aprendida pelos jovens.

2. Desvios comportamentais

Os desvios comportamentais podem ser entendidos como padrões de comportamento condenados pela sociedade na qual se vive. É evidente que a aceitação dos comportamentos se modifica com o passar do tempo. No início deste século, uma senhora fazer compras sem chapéu

talvez fosse um desvio de comportamento. Hoje, tal coisa seria uma absoluta extravagância.

Mas os desvios que preocupam os idosos não são exatamente os relacionados à moda - embora o nudismo das praias e dos bailes de carnaval não sejam apreciados pelos mais velhos, quem sabe, por faltarem-lhes as condições plásticas indispensáveis a tais procedimentos.

Os desvios que preocupam são, por exemplo, as formas de relacionamento interpessoal freqüentemente adotadas pelos jovens.

Quando vejo a promiscuidade sexual de meninos e meninas, eu me pergunto sobre o futuro de tais pessoas, sobre os resultados de tais comportamentos. Os meios de comunicação noticiam o progressivo aumento do número de mães adolescentes. São duas crianças que poderiam brincar como amigas e devem comportar-se como mãe e filha. A chamada "produção independente", torna-se, a cada dia, mais comum. O conhecido "golpe da barriga", muitas vezes, não cola e, quando cola, pode levar a resultados indesejáveis. Os métodos anticoncepcionais não são infalíveis e facilmente podem ser confundidos como pressão para compromissos mais sérios.

A comparação entre as dificuldades enfrentadas por mães e pais solteiros é material para um capítulo à parte.

Sem aprofundar a matéria, posso garantir que as experiências sexuais da juventude atual são motivo de graves preocupações para os mais velhos.

As experiências sexuais, iniciadas antes mesmo que os organismos - masculino e feminino - estejam formados, favorecem a prostituição e o homossexualismo - dois fantasmas a rondar a existência dos velhos. A sodomia não é problema de nossos dias. O próprio nome indica a longa existência dessa dificuldade. O que hoje preocupa os idosos é a facilidade com que o comportamento é aceito e

divulgado pelas novas gerações e a naturalidade com que até crianças bem pequenas o comentam.

Em sã consciência, ninguém pode ignorar os sofrimentos de tais pessoas, as dificuldades por eles enfrentadas e o desejo de muitas de encontrar mais adequadas formas de satisfação de suas necessidades afetivas.

Finalmente, não se pode esquecer a questão do uso de drogas, cada vez mais freqüente entre os jovens. Aumenta o consumo das drogas, aumenta o número de pessoas envolvidas no tráfico de drogas. Aperfeiçoam-se os métodos de sedução de novos adeptos; a meu ver, o mais hediondo de todos é a gozação: "não me diga, você não usa maconha? nunca experimentou? Não acredito... um cara inteligente como você...". Um jovem não suficientemente preparado para resistir a tais cantadas, facilmente, pode engrossar a já numerosa fileira dos condenados pelo vício.

3. Doenças, invalidez e morte

Os velhos temem as doenças, a invalidez e a morte dos jovens. As estatísticas mostram que os acidentes são os maiores responsáveis pela morte de jovens e que os jovens são mais destemidos, mais afoitos e imprudentes; mais facilmente perdem a cabeça, se envolvem em conflitos que poderiam ser evitados. Sabem que a instabilidade social gera a instabilidade emocional e esta pode levar às agressões físicas diariamente denunciadas pelos meios de comunicação. Tudo isso nos aflinge e nos angustia.

Os velhos temem que os jovens se entreguem ao alcoolismo. A bebida, moderadamente ingerida, é um comportamento normal. Mas o hábito de "afogar as mágoas no copo" pode levar à dependência do álcool. Instalado o vício, as consequências são as mais danosas: dissolução familiar, desemprego, perda de amigos,

fracassos financeiros, depressões, isolamento social e um infundável cortejo de dificuldades.

As doenças venéreas se constituem em mais uma preocupação. Elas são fruto da promiscuidade sexual; todos conhecem as aventuras amorosas de rapazes e moças e sabem que tais aventuras podem resultar nas chamadas doenças venéreas. Os avanços da medicina diminuíram os riscos dessas moléstias mas o fantasma continua a atormentar os que se interessam pelas possíveis vítimas do mal.

Finalmente, existe a AIDS - o mal deste fim de século. Ninguém pode mais ignorar os perigos a que estão expostos os atuais habitantes deste planeta, mesmo aqueles que levam uma vida regrada. As transfusões de sangue continuam sendo aplicadas e todos, exatamente todos, estamos ameaçados pela AIDS. As notícias diariamente divulgadas falam sobre o crescente número de doentes e de óbitos. As vacinas e as diferentes formas de tratamento ainda não conseguiram debelar o mal. E os velhos temem por si e por seus jovens.

COISAS QUE OS VELHOS DESAPROVAM NOS JOVENS

Como dizer aos jovens que eles inspiram sentimentos, temores e esperanças e que, ao mesmo tempo, os velhos desaprovam determinadas coisas nos que ainda não envelheceram? O que os velhos desaprovam nos jovens?

1. Formas de tratamento pessoal

Os jovens, freqüentemente, dispensam aos mais velhos um tratamento bastante desagradável. Os que um dia foram jovens e não mais o são, talvez se lembrem do tempo em que eles mesmos se dirigiam aos mais velhos com certa agressividade.

As indelicadezas dirigidas aos idosos nem sempre o são de maneira clara e

explícita; freqüentemente elas assumem forma velada e sutil. As prolongadas ausências ou totais desaparecimentos são apenas um exemplo. Que fim levou fulano? Ninguém sabe. Vezes outras, os jovens comparecem com aquele ar de estarem cumprindo penoso dever. Fingem ouvir o que lhes é dito, respondem por monossílabos ou não respondem, consultam freqüentemente o relógio e dão no pé.

As agressões assumem variadas formas - das mais sutis às mais evidentes - e o relacionamento, antes cordial, aos poucos se deteriora.

Também não é raro que os mais novos se julguem no direito de fazer exigências em troca, talvez, de contribuições trazidas para casa, ou por qualquer outro motivo.

Existem ainda os que rompem definitivamente com os mais velhos, abandonando-os em asilos, casas geriátricas ou à própria sorte.

Não quero encerrar esta parte da exposição sem frisar um aspecto do posicionamento por mim adotado para abordar matéria tão delicada. Se meus ouvintes ou eventuais leitores estiverem atentos às minhas propostas, hão de perceber que a palavra "culpa" não foi usada uma única vez. Tentei lembrar aqueles comportamentos que desagradam aos velhos e, na realidade, desagradam a qualquer pessoa. A sensibilidade não é privilégio de determinados grupos etários. Também quero salientar que tais comportamentos não são comuns a todos os jovens. Muitos são os que se esforçam por agradar, procuram conversar, visitar os mais velhos e deles ouvir as "histórias de antigamente". Pessoalmente, registro meus agradecimentos a um sem número de jovens pelo tratamento a mim dispensado e até pelas sugestões para elaboração deste trabalho.

Uma última ressalva diz respeito ao fato de que, a meu ver, os mais velhos em muito contribuem para o fosso que, aos

poucos se abre entre as gerações. A falta de atenção aos comentários que lhes são dirigidos, as exigências freqüentemente descabidas, a mordacidade em relação aos conceitos recém-aprendidos pelos jovens, a falta de diálogo, as presenças silenciosas, o desrespeito às inclinações dos jovens, o "faça o que eu digo mas não faça o que eu faço" e outras formas de comportamento são fatores de capital importância do deslanchamento de tais processos.

2. Costumes

Os costumes da mocidade muitas vezes chocam os mais velhos. Talvez por um pouco de inveja, os idosos não aceitam a liberdade sexual hoje em voga. A frase "ele é casado mas não é castrado" tornou-se ditado popular; viajar com os namorados (as), participar de noites de embalo também não causa espanto; as "amizades coloridas" são bem aceitas e os que não aderem a tais comportamentos são ridicularizados por seus colegas. Os que "ainda" não se iniciaram no sistema sentem-se desvalorizados e por vezes, para acompanhar a moda, inventam experiências que, na realidade, nunca tiveram.

Não quero ser entendida como defensora dos padrões que conferiam aos homens todos os direitos e às mulheres todos os deveres, colocavam a mulher sob o domínio do homem, objeto de prazer de seu "amo e senhor". O que me choca é o fato de a mulher, ao lutar pela igualdade de direitos - aspiração absolutamente justa - defender para si aquelas formas de comportamento que os homens nunca deveriam ter adotado. Isto nos fez mais felizes? Se a resposta for afirmativa, tudo bem. O pesar que levarei para o túmulo é o de não poder observar, na prática, os resultados dos costumes deste fim de século.

Com o objetivo de evitar possíveis mal entendidos, desejo esclarecer, com a

maior objetividade possível, meus pontos de vista sobre a matéria. São elas: 1º) discordo, totalmente, dos antigos conceitos de que a mulher deveria manter-se casta e pura até o casamento para, só então, ter experiências sexuais; 2º) discordo, igualmente, da idéia segundo a qual o homem deve ser iniciado na vida sexual desde a adolescência, se possível, pelas mãos de professores criteriosamente escolhidos pelos próprios pais; 3º) entendo que, para rapazes e moças, o relacionamento sexual fora do casamento é legítimo, desde que preenchidas algumas condições, como: envolvimento afetivo e sincero de ambas as partes, e adoção de medidas seguras contra a gravidez indesejada. O relacionamento sexual por curiosidade, pelo simples prazer carnal, pode levar a resultados opostos aos pretendidos.

Outros pontos que freqüentemente chocam os mais velhos são o linguajar e o vestuário. No meu tempo, o linguajar hoje comum entre os jovens era denominado "baixo calão". Hoje é o feijão com arroz das chamadas "elites". O vestuário ou a falta de vestuário choca os mais velhos. Antigamente, os ricos viajavam à Europa e voltavam contando, em surdina, as cenas de nudez dos teatros parisienses. Hoje as mesmas coisas podem ser vistas nas praias brasileiras, nos desfiles das escolas de samba e, dentro de casa, em cenas da televisão.

3. Valores

Os valores abertamente defendidos por certos jovens da atualidade em muito se aproximam do descaramento. Neste ponto, os jovens de hoje talvez sejam mais honestos que seus antepassados. O golpe do baú, por exemplo, sempre foi conhecido e praticado. Mas talvez as coisas fossem feitas com certa discrição. Hoje se diz claramente: "moça rica não fica solteira", "vou deslocar um convite para tal festa,

porque lá é que rola a grana" e coisas de igual teor.

O carreirismo também é aceito com naturalidade e os resultados, quando favoráveis, muitas vezes são fruto do vulgarmente chamado "puxassaquismo"; paralelamente, corre o "apadrinhamento". Parentes de pessoas bem situadas na vida freqüentemente são colocadas em posições de destaque simplesmente por serem amantes, sobrinhos ou primos de fulano ou beltrano. Quando se pergunta o motivo pelo qual eles se encontram nessas posições, a resposta é simples e direta: ele é afilhado de fulano de tal. E a vida continua...

Ao desaprovar esses e outros comportamentos assemelhados, lamento lembrar o fato de serem eles prática muito antiga, comum entre os que um dia foram jovens e hoje não o são mais.

4. Aventuras secretas

A primeira aventura amorosa foi praticada por Adão e Eva nos jardins do Édem e, até hoje, se fala em "pecado original", experiência que não podia ser secreta por não haver quem a testemunhasse. Mas os riscos do chamado "fruto proibido" não impedem que muitos deles experimentem, e talvez não sejam poucos os velhos que hoje desaprovam nos jovens as mesmas aventuras nas quais se envolveram na mocidade.

Outras experiências desaprovadas pelos mais velhos são as de natureza política. Uma ressalva se impõe. Os mais velhos gostam quando os jovens vão à luta pelos ideais que escolheram para si. Quando um moço ousa ter idéias próprias e adere a correntes de pensamento diversas das oficialmente aceitas em sua família é um Deus nos acuda. Salve-se quem puder. A solução é uma só. Aderir a movimentos secretos, esconder as próprias convicções e correr os riscos que a situação oferece.

O mesmo acontece no que diz respeito

to a convicções religiosas. Os filhos que aderem a credos diferentes dos tradicionalmente aceitos em seu meio, muitas vezes sofrem terríveis pressões. O ecumunismo ainda é um posicionamento bastante teórico; os chamados casamentos mistos são objeto de graves preocupações.

Finalmente, ainda é comum que os mais velhos - sutil ou abertamente - interfiram nas escolhas profissionais dos jovens. Sei de um rapaz que se tornou aviador civil sem que os pais disso tivessem conhecimento.

Outros exemplos poderiam ser citados. Conheço pessoas que cortam a carreira de seus filhos porque não gostam das preferências por eles demonstradas; os filhos, quando possível, preparam-se, em segredo, para o que deveria ser feito abertamente.

EXPECTATIVAS DOS VELHOS EM RELAÇÃO AOS JOVENS

Nesta última parte tentarei falar sobre o que os velhos esperam dos jovens. Antes, é bom repetir o que foi inicialmente colocado, ou seja, o caráter freqüentemente ambíguo, contraditório e ambivalente das relações entre velhos e jovens. Com total desrespeito às tradições da sociedade em que nasci e fui criada e aos conceitos que me foram e ainda são transmitidos, ousou dizer que os velhos esperam dos jovens:

1. Sucesso/fracasso

Os mais velhos, com razão, se orgulham dos sucessos de seus descendentes em algumas áreas. Mas a importância das áreas de sucesso varia em função do sexo do jovem e de critérios absolutamente pessoais, por vezes desprovidos de qualquer lógica.

O sucesso escolar, por exemplo, é importante para meninos e meninas; o sucesso profissional é mais importante

para homens do que para mulheres. Ainda hoje algumas famílias entravam a participação do chamado sexo fraco no mercado de trabalho. Este aspecto é muito significativo pois, no caso freqüente de mulheres com salários superiores aos dos homens da casa - marido, pai, irmão, cunhado - é comum que o assunto se constitua um segredo mantido pelas próprias mulheres. Delicadeza de sentimentos? Pode ser. Mas, também, respeito às tradições machistas da sociedade e expectativas familiares de fracasso profissional, sobretudo, do sexo feminino.

Na área afetiva a questão é mais evidente. Algumas famílias impedem frontalmente qualquer possibilidade de escolhas afetivas por parte de seus membros. Algumas acham que os homens não devem casar-se, enquanto outras defendem a mesma tese em relação às mulheres. Os jovens que teimam em vencer essas barreiras muitas vezes se defrontam com resultados desastrosos. Se procuram consolo junto ao grupo familiar, costumam ouvir: eu não disse? Você teimou, agora agüenta... E os que assim procedem acreditam - porque se vangloriam dos próprios feitos - agir correta e sabiamente.

Os mesmos comentários podem ser feitos em relação aos processos sociais de relacionamento dos jovens: o sucesso é conscientemente desejado e publicamente aplaudido; o fracasso é inconscientemente esperado e publicamente lamentado.

Por que tão grande ambivalência? Os psicólogos são preparados para explicar o assunto. Mas posso adiantar que o jovem fracassado, que não se realiza nos diversos planos de nossa humana existência, freqüentemente, é a companhia dos pais idosos, necessitados de ajuda. Os que lamentam o afastamento dos filhos "depois de anos e anos de sacrifícios diuturnos" devem lembrar-se da frase de Kalil Gibran KALIL em O PROFETA: "vossos filhos não são vossos filhos".

2. Submissão/dominação

O mesmo caráter ambivalente e contraditório pode ser aqui observado. Os mais velhos querem jovens submissos e, ao mesmo tempo, desejam - por vezes inconscientemente - ser por eles dominados. A dominação dos jovens é muitas vezes confundida com "amor filial".

Inúmeras vezes tenho-me defrontado com pessoas de idade que afirmam pretender alguma coisa e, logo depois, pedem a minha opinião. Sempre respondo não caber a mim a responsabilidade de decidir sobre assuntos que não me dizem respeito. Quando a insistência se torna muito grande, respondo o que, a meu ver, eles gostariam de ouvir. Então eles falam: acho que vou seguir o "seu" conselho...

Engraçado? Talvez, mas, ao mesmo tempo, revelador da necessidade sentida pelos mais velhos de não decidirem sozinhos. O mecanismo do "faz de conta" é fruto da própria fragilidade do velho somada ao sistema muitas vezes adotado pelos mais novos de decidirem pelos idosos. O resultado é a insegurança de muitos em afirmarem suas preferências. Fica mais fácil fazer o que os outros desejam, ainda que isto lhes custe muitos dissabores.

Pretendo ser imparcial em tudo o que vai aqui apresentado. Se os jovens ousam resolver a vida dos velhos é porque os velhos, expressamente ou não, lhes conferem tal poder. Os velhos esperam a submissão dos mais jovens e, simultaneamente, querem ser por eles dominados. A sociedade aprova esses comportamentos com atitudes tais como: "durante seis meses minha avó não soube que o genro havia morrido" - e a avó era lúcida e seguidamente perguntava pelo genro; "você deixou sua mãe ir ao enterro de fulano?"; ou ainda, "minha tia morreu lá em casa, mas felizmente, minha avó (porque confundir velhice com idiotice?) só ficou sabendo depois do enterro...".

Inúmeros outros exemplos poderi-

am ser lembrados, mas o importante é frisar que as duas expectativas podem ser observadas na mesma pessoa e simultaneamente. Os velhos querem tomar decisões, escolher o próprio sistema de vida, determinar providências, fazer escolhas. Ao mesmo tempo, sentem-se freqüentemente honrados, quando os jovens lhes impõem determinadas restrições: "você não sai mais de casa", "não vai aqui ou ali"; "vai deixar de trabalhar", e assim por diante.

As raízes de tais comportamentos estão na sociedade que os adotaram e estão nos velhos e nos jovens que os assimilaram. Para que tais processos possam ser revertidos num sistema de convivência gratificante para ambas as partes é preciso que, antes mesmo dos jovens, os próprios velhos aprendam a resistir às pressões sobre eles exercidas; deixem de ter medo dos moços, enfrentem as novas gerações com a mesma coragem com que enfrentaram dificuldades - por vezes, muito graves - para criá-los. Não peço aos jovens que me respeitem; exijo que todos o façam.

3. Compreensão e diálogo

Este ponto é bem mais fácil de ser abordado. O velho, como qualquer outra pessoa, espera compreensão e diálogo dos mais e dos menos jovens. Essas atitudes devem se apresentar sob a forma de visitas e telefonemas, durante as quais seja possível receber e dar notícias, contar novidades, ouvir e ser ouvido, perguntar e receber respostas convincentes e amáveis.

Os velhos, como as demais pessoas, gostam de conversar. Gostam de dizer o que pensam, o que sentem, o que acham

dos acontecimentos diários. Gostam de emitir opiniões sobre diferentes assuntos, reclamar do que lhes desagrada, e assim por diante.

Os velhos gostam de dar e receber presentes, gostam de surpresas, como todo mundo, gostam de ouvir explicações sobre as coisas que não entendem.

Enfim, os velhos, como todo mundo, gostam de ser aceitos como são. É profundamente injusto tratar os velhos como incapazes, crianças sem poder de decisão. As pessoas idosas têm sentimentos, têm necessidades afetivas que devem ser respeitadas e atendidas; têm direito a um tratamento digno e todos, exatamente todos, têm o dever de dispensar-lhes tal tratamento.

Os velhos têm direito a receber explicações sobre os acontecimentos do dia-a-dia e esperam receber tais explicações com clareza e objetividade.

4. Construção de uma nova sociedade

Acima de tudo, os velhos esperam que os jovens alcancem aquilo que não fomos capazes de oferecer-lhes: uma sociedade justa, com iguais oportunidades para todos. Uma sociedade próspera, na qual os sentimentos de amor superem os impulsos de ódio, as responsabilidades por êxitos e eventuais fracassos sejam assumidas pelo maior número; na qual diminuam - ou desapareçam - as distâncias sociais e todos possam, efetivamente, participar dos processos decisórios e oferecer sua parcela de contribuição para o alcance do bem comum.

Perdoem-me se, por vezes, fui demasiadamente realista ou, quem sabe, até injusta. Minha intenção foi uma só: apresentar, sem rodeios, algumas reflexões pessoais sobre o assunto.



VELHICE PARA OS JOVENS

É preciso saber ver a beleza da velhice, saber entender a expressividade de um rosto cheio de rugas; é preciso valorizar a capacidade de ternura e a serenidade dos velhos e até mesmo sua ironia, um pouco perdida pela juventude.

**ANDRÉ ROBERTO
MARTIN**

*Professor da Faculdade de
Filosofia, Letras e
Ciências Humanas - USP*

Velhice e juventude são categorias da natureza, portanto ligadas ao ciclo biológico da vida. No entanto, só recentemente é que, com a afirmação valorativa da juventude sobre a velhice, as duas categorias se tornaram culturalmente relevantes, podendo ser examinadas separadamente, embora estejam entrelaçadas.

Esse fenômeno, que é a autonomização da juventude como uma categoria social, inscreve-se em uma ordem maior de fenômenos, aos quais normalmente se denomina modernidade. É portanto, imprescindível que o marco de referência teórico seja justamente o conceito de modernidade, conceito que depois abrirá duas perspectivas de análise, a partir de meados do século XIX. Esses dois conceitos, aliás, irão desdobrar-se em duas posições que deitarão raízes e permanecerão até hoje, ajudando a formar opiniões e posturas de milhões de pessoas perante, inclusive, a idéia de juventude.

A primeira vertente e o primeiro conceito de modernidade foi o definido por Marx em meados do século XIX, a partir de suas reflexões com relação ao que havia acontecido com a Revolução Francesa. Continuador, em grande parte, do Iluminismo e da crítica que os revolucionários franceses fizeram ao antigo regime, para ele a modernidade é justamente o momento histórico a partir do qual o velho e o novo começam a se

contrapor de modo muito acentuado.

Na concepção de Marx, é o Estado separado do indivíduo a ruptura fundamental que inaugura o período moderno; portanto, trata-se de um conceito eminentemente político. Marx está analisando as modificações que estão se operando a partir da Revolução Industrial. Ele menciona o crescimento econômico, a busca do lucro, a formação do mercado mundial, em suma, vê a modernidade como sinônimo de sociedade burguesa.

Na outra vertente, nós vamos ter como grande eminência, Baudelaire, o poeta. Para ele, a modernidade será uma idéia, antes de mais nada, estética. Ele se refere ao novo, ao movimento contínuo das formas, da moda, ao efêmero, ao imprevisto. É esta idéia que, talvez, hoje em dia, seja a mais comum em torno da modernidade, pois são essas as categorias que se mencionam para identificar a modernidade.

Marx, por seu lado, vai criticar a natureza dilacerada, a oposição entre público e privado, geral e particular, indivíduo e sociedade, que ficam justamente separados por essa nova forma de sociedade.

Baudelaire, ao contrário, criticará a natureza, identificando-a como reino da pura necessidade e, portanto, afastado dos artificios, dos prazeres e dos luxos. Baudelaire chega a elogiar a maquiagem que aproxima os homens das estátuas, tornando-os mais próximos de Deus.

Para Marx, ao contrário, isso equivaleria a uma abstração total, a uma anti-natureza. Ele irá criticar esse ponto de vista, através da sua "Teoria da Revolução". Resgatar a unidade perdida, reunificar a sociedade dilacerada, recompor o homem com a natureza, o público com o privado, o geral com o particular, este o objetivo maior da revolução proletária.

Com a ressaca da revolução, aborta-

da em 1848, há uma decepção que atinge tanto Marx quanto Baudelaire, ambos críticos da sociedade burguesa, cada um à sua maneira. Marx, mais radical, e Baudelaire aceitando, até certo ponto, essa nova sociedade, embora procurando também uma postura crítica frente a ela. Por seu lado, Marx irá procurar na História e na Economia, novos elementos teóricos que possam dar mais consistência à sua "Teoria da Revolução" que até aquele momento tinha sido eminentemente uma proposta filosófica.

Por sua vez, Baudelaire, que desprezava a sociedade burguesa, irá registrar, ao mesmo tempo, essa "praxis" revolucionária e procurará criar, em termos literários, um mundo imaginário, uma recriação completa do mundo, uma recriação estética, substituindo a revolução, que não houve, por um mundo esteticamente construído, e mais de acordo com sua utopia.

Com o imperialismo, a era das descontinuidades começa a deslocar o continuismo inscrito no evolucionismo, o qual é a referência teórica dominante do século XIX. A eletricidade, o automóvel, o avião, as especializações começam a dilacerar a evolução e aquilo que parecia contínuo começa, portanto, a despedaçar-se. É um período em que começam a valorizar-se os sinais que depreciam e vulgarizam os símbolos, através da publicidade, o que será levado ao paroxismo com a televisão. Há uma afirmação, portanto, da técnica, e uma supervalorização da juventude, ligada a essa valorização da técnica.

Afinal de contas, agilidade e vigor físico são as duas qualidades imanentes ao jovem e suficientes para movimentar qualquer máquina, inclusive os computadores. Com isso, o tempo de aprendizado, embora em termos teóricos tenha se tornado mais longo, para o domínio das técnicas tornou-se mais curto, e é comum

a gente se surpreender, por exemplo, com as crianças e os adolescentes que conseguem facilmente manipular as máquinas que os adultos, às vezes, costumam dominar.

Há, portanto, uma redução desse tempo de conhecimento técnico, o que faz cair a importância da maturidade e da antiguidade, exceção feita às altas esferas do trabalho abstrato, como a filosofia, as artes e até a política, embora no nosso exemplo recente, talvez até na política a antiguidade tenha sido desvalorizada, assim como a experiência. Hoje, o vigor físico e a rapidez são extremamente admirados.

Funda-se, a partir daí, um mito da juventude, segundo o qual o ser do jovem será definido por ele mesmo. Vitalidade, descuido com os riscos, espontaneidade são as características salientadas. O jovem é capaz de refazer a história da humanidade, a partir de sua própria história, o que reforça o individualismo. Não existe mais um rito de passagem entre a juventude e a fase adulta, como nas sociedades tradicionais. O jovem passa a se caracterizar por duas características básicas que compõem o mito: a beleza, identificada com o vigor físico, a beleza física, e a rebeldia. A primeira, evidentemente, está ligada à natureza e aparece quase como uma condição inelutável. A segunda, a rebeldia, que é uma característica cultural, aparece como uma capacidade de despojamento, de entrega do jovem a uma causa social, de tal maneira que, inclusive, o pensamento conservador cunhou uma famosa frase, segundo a qual é impossível não ser revolucionário aos 20 anos e é impossível continuar a sê-lo aos 40 anos.

Por outro lado, a má consciência dos velhos também reforçará esse mito. A experiência cumulativa, no final das contas, é entendida como sinônimo de envelhecimento. Surge, assim, uma crise de

gerações, um estranhamento que vai se aprofundando entre uma geração e outra, até que fica impedido praticamente o diálogo entre elas.

Começamos, portanto, a ficar mais perto da nossa situação, onde a juventude como categoria social autônoma começa a se coagular, no Brasil, efetivamente a partir dos anos 60. A rebeldia, que é uma característica exaltada, por exemplo, em 68, começará a esmorecer com o tempo. Vamos novamente retornar à situação de 1848, na Europa, quando a expectativa da revolução é frustrada.

Dos anos 60 para os anos 70, certa trilogia de características começa a identificar o jovem, como se esses elementos fossem constitutivos exclusivamente dele é como se somente os jovens gostassem da trilogia: sexo, drogas e "rock and roll" e, em contrapartida, a velhice fosse o desprezo dessas três coisas. Para o jovem não há a menor graça em ser velho... Nessa visão radicalizada, a velhice é nada para o jovem, ou então, sinônimo de morte. Daí deriva a recusa do jovem com relação à velhice.

É bom lembrar que no plano político, essas posturas eram acentuadas, porque se combatia a ditadura política, que era identificada com uma certa gerontocracia, em nosso país. Daí, essa recusa da juventude em aceitar os valores dos velhos e vice-versa, o completo alheamento entre as duas esferas da sociedade e, portanto, a valorização da idéia de ruptura, de descontinuidade. A velhice já não é mais a continuidade do jovem, é uma outra coisa, completamente distinta, do ponto de vista cultural. Assim, a idéia de que esses são os valores característicos da juventude faz com que se procure prolongar, ao máximo, a juventude.

Se radicalizamos esse ponto de vista valorativo da juventude e se procuramos a eterna juventude, podemos chegar à conclusão de que é preferível morrer jo-

vem, já que envelhecer nessas condições não teria o menor sentido. E, de fato, na minha geração, são vários os ídolos que morreram jovens, como que congelando aquela imagem da juventude. (Jimi Hendrix é o maior deles). Esse fosso entre juventude e velhice parece insuperável, um estranhamento absoluto entre os dois universos.

No entanto, o tempo passa. A primeira crise é da característica da rebeldia. A rebeldia que pareceu alguma coisa intrínseca, imanente, exclusiva dos jovens, começa a ser colocada em xeque. Não é possível continuar sendo rebelde o tempo todo, sobretudo em função de algumas frustrações, mas também até de algumas realizações. Afinal, a democracia veio, embora ela não tenha talvez realizado todas as nossas expectativas. Pelo sim, pelo não, e até pela maior tolerância dos mais velhos com relação aos mais jovens, é impossível continuar insistindo nesse aspecto. Tem até uma música que diz: “não posso mais ser normal, porque como é que eu posso continuar sendo rebelde, se meus pais são muito tolerantes?...” Há também um “rock” que faz menção a isto: “assim, não vai dar, sem ter com quem me rebelar...”

Parece que a rebeldia vai se tornando também uma característica que o jovem vai perdendo. A partir deste período de frustração e de meia realização, temos a vitória da outra vertente, da vertente estética, segundo a qual realmente o que vale para caracterizar o jovem é a beleza física. Esta é uma situação nova, onde se exalta apenas o aspecto físico, despolitizando, portanto, a juventude. Cansada da rebeldia, resta apenas, como única característica, a beleza física. O risco que se corre é que poderemos acabar invertendo aquela proposição inicial e, em função de algu-

mas manifestações recentes, sobretudo a partir de certa arrogância do jovem, que vem sendo estimulada pelos meios de comunicação de massa, a gente pode chegar à conclusão de que o jovem, ao contrário de vinte anos atrás, quando era rebelde, está se tornando reacionário, e há alguns elementos possíveis de serem identificados aqui e ali, capazes de comprovar isso, como, por exemplo, os jovens neonazistas, na Alemanha, fazendo protestos contra os poloneses etc.

Tem-se a impressão de que a juventude agora já não é mais rebelde e nem revolucionária, ao contrário, é intolerante e conservadora. Será que é isso mesmo? Será que nós devemos nos conformar com esta perspectiva ou existe uma outra? Acho que a única possibilidade de inverter essa situação, que está sendo ideologicamente trabalhada, é fazer uma inversão metodológica e politizar o estético, começando a valorizar aspectos da velhice que até agora não têm sido bem valorizados. É preciso saber ver a beleza da velhice, saber entender a expressividade de um rosto cheio de rugas, rugas que marcam justamente a história de cada um; é preciso saber apreciar as mãos calejadas pelo tempo, pelo trabalho. É preciso valorizar a capacidade de ternura e a serenidade dos velhos, a memória que eles trazem, a sua tolerância e até a sua ironia, que também parece ter sido uma característica um pouco perdida pela juventude. O velho, hoje, consegue ser mais irônico que o jovem, até por sua situação tragicômica.

Para concluir, eu diria que temos que descobrir um outro programa para a velhice. Minha proposta é que se adote a seguinte frase, como lema, para começo de conversa: “OLD IS BEAUTIFUL!”

TERCEIRA IDADE

ESPERANÇA DE VIDA (*)

As pessoas precisam descobrir que é fundamental ter esperança para se continuar vivendo, independente da idade que se tenha. Não existe idade para sonhar, para realizar, para aprender, para se doar, para amar.

ALDA RIBEIRO
Geriatra - SP

O homem conseguiu acrescentar anos à vida e tem hoje um novo desafio: o de acrescentar vida a esses anos.

Terceira idade - esperança de vida. Ter esperança significa acreditar. Ninguém espera se não crê que o que deseja possa se realizar. Tem-se pouca ou nenhuma esperança de vida se se perdeu a razão de viver.

Vamos analisar realisticamente o que é ser idoso hoje. Melhor ainda, vamos tentar mentalizar qual a imagem que se tem de um idoso hoje, aqui no nosso Brasil.

Primeiramente, idoso é velho e quantas vezes esta palavra é usada de maneira depreciativa! Velho nos dias de hoje, infelizmente, é o que está encostado, é o que não serve mais. E quantos e quantos idosos de tanto se depararem com essa atitude frente ao avançar dos anos, acabaram se convencendo que é a realidade, que têm que viver assim?

Envelhecemos aos poucos, dia-a-dia, só que não percebemos. E de repente algum fato ou alguém nos desperta: "Estou ficando velho!"

Posso reagir de maneiras diferentes: fingindo não ver que os anos estão passando - assumindo

(*) Texto extraído do livro da autora "Lições para o Outono", no prelo.

atitudes que tentam convencer a mim mesma que "ainda estou jovem" ou adotando a atitude que as pessoas esperam de um velho: "Vou me fechando dentro do meu mundo. Vejo menos, ouço menos, saboreio menos, toco menos. Todos os meus sentidos, que existem para que eu usufrua ao máximo da vida, deixam de ser estimulados e eu passo a sentir menos.

Entro, assim, em uma estrada sem retorno - cada vez mais em contato comigo mesmo (com o que vivi e com o que eu não vivi) e cada vez menos em contato com os outros. Começo a falar mais baixo, já que tenho que corresponder à imagem que existe de velho. Tenho que necessariamente mudar minha postura - tornar-me curvo, andar menos e mais lentamente, arrastando os pés, de preferência. Torno-me intransigente, dono-da-verdade, exijo que me respeitem, mas nem sempre estou disposto a respeitar os outros também; repetitivo, contando sempre as mesmas histórias, aquelas que ocorreram antigamente, na época em que eu ainda "vivia", repetindo incessantemente: "No meu tempo não era assim!"

A verdade e o bom senso estão sempre no meio do caminho - os extremos são sempre perigosos. Fingir que os anos não passaram é me iludir e, iludindo-me, eu deixo de viver. Vestir a roupa de velho sem me questionar a mim mesmo, qual o meu conceito de velhice, também faz com que eu não viva a minha vida, mas a vida que as outras pessoas esboçaram para mim.

Será que não é possível encarar a velhice de maneira menos dramática e negativa? Encarar a velhice de frente é analisar criticamente a idéia que tenho de envelhecimento, interessando-me por até que ponto ele é real ou foi arquitetado pela sociedade. Por que não pararmos um momentinho para reavaliarmos o nosso conceito de velhice?

Existem alterações que ocorreram em nosso organismo decorrentes do pro-

cesso de envelhecimento fisiológico. Essas alterações por si só não levam necessariamente à doença, a disfunções, à invalidez. É todo um complexo de fatores que ampliam essas mesmas alterações, de tal forma que se deixa de ter um envelhecimento normal para se ter o envelhecimento ao qual se somou a doença.

É a maneira com que nos colocamos frente à vida que nos faz viver bem ou mal, e da mesma forma envelhecer bem ou mal.

A vida oferece-me opções e eu preciso saber qual devo escolher.

Posso alimentar-me bem ou mal, comer de maneira exagerada e desequilibrada ou alimentar-me do que é estritamente necessário para viver e de forma balanceada. O peixe não morre pela boca?

Nós também. E como escolher bem, então? Não basta ter condições financeiras para se comer bem, é preciso informar-se sobre o que significa uma alimentação adequada.

Posso manter um bom estado de hidratação ou não; depende só de mim. Quanto líquido eu bebo diariamente? Será que estou bebendo o suficiente? A água é uma das fontes da vida e quantas e quantas pessoas ainda duvidam disto? O processo de envelhecimento abrange também uma lenta e gradual desidratação. Podemos contribuir para que essa desidratação seja a mínima possível.

Posso levar uma vida sedentária ou posso adotar uma postura correta e ativa frente à vida.

Mantendo uma postura correta eu permito a todos os constituintes do meu aparelho locomotor trabalharem bem, sem desperdício de energia, sem desgastes desnecessários. Os anos alteram minha estrutura óssea, ligamentar e mexem bem menos no meu componente muscular. Se eu me mantenho ativo, executando todos os movimentos do meu dia-a-dia de maneira correta e no momento de descansar, de relaxar eu assumo a postura certa, terei

músculos fortes que por conseguinte protegerão muito mais meus ossos e ligamentos que os anos enfraqueceram.

Meus próprios ossos estão em constante renovação. Mantendo-me ativo, movimentando-me, permitirei que eles sofram menos as alterações decorrentes do envelhecimento. Evitarei que se somem os efeitos negativos dos anos com aqueles decorrentes da inatividade.

Os nossos músculos são talvez as estruturas mais sensíveis ao nosso estado emocional. Qual a postura que assume uma pessoa deprimida? Imaginem quanto sofrem suas estruturas músculo-esqueléticas com isto. Cobrando de meus músculos uma atitude correta, corrigirei um estado emocional e vice-versa. É por isso que quanto mais ativa fisicamente uma pessoa estiver, mais estimulado também estará o seu cérebro e, conseqüentemente, mais ativa também mentalmente.

Aquí surge, então, um grande problema: "Os idosos estão na sua grande maioria sentados, psicologicamente sentados." Como conseguir que se levantem? Como fazê-los assumir uma atitude mais ativa, de questionamento frente ao próprio envelhecimento e não de aceitação resignada de uma imagem preconceituosa da velhice?

Posso crescer continuamente como pessoa ou estacionar-me no meio da vida. Será que estou disposto a questionar a mim mesmo, apontando-me defeitos a corrigir e virtudes a lapidar? Ou será que visto a roupa de velho ranzinza, chato, intransigente, que conhece tudo da vida e já sabe de antemão a resposta para toda e qualquer pergunta?

Posso convencer-me que velhice é sinônimo de doença e que, portanto, terei que carregar um médico a tiracolo quando ela chegar, delegando a ele a incumbência de se responsabilizar pela minha doença, aceitando como única solução para os meus problemas os remédios que ele prescreve, esquecendo-me que o idoso pode

ter muitos problemas que não são só de saúde, ou posso questionar o conceito de velhice, precisando para tanto conservar-me aberto para tudo e para todos, estando disposto a mudar hábitos de vida por mais arraigados que eles estejam.

Precisamos ter hábitos saudáveis e esses hábitos adquirimos quando criança. Sempre é tempo para se mudar, mas é muito menos traumático se nos habituamos desde crianças a sermos responsáveis por nossa saúde. E a saúde é feita de pequenos hábitos saudáveis.

Posso deixar nas mãos de todos as soluções para os meus problemas, tornando-me mero expectador dos acontecimentos ou posso procurar primeiro em mim a resposta que tantas vezes esperei dos outros.

Posso continuar acreditando que velhice não traz nada de bom, que ficar velho é virar sucata, ou posso buscar envelhecer bem, dono da minha cabeça e dos meus sentimentos, atuante.

Nosso cérebro e nosso coração não têm limites e, para envelhecer bem, eu preciso usufruir ao máximo de ambos. De que adianta pensar se não posso sentir, de que vale sentir se não tenho consciência disto?

Eis o grande desafio que é envelhecer bem, continuar a ser um cérebro pensante com um coração capaz de sentir.

Envelhecemos como vivemos. Colherei amanhã os frutos do que tiver plantado hoje. É por isso que precisamos começar a pensar na velhice quando ainda somos jovens. Cada dia que passa se tem mais a certeza que naturalmente chegaremos à terceira idade, e ela vem aos poucos, dando-nos inclusive tempo para pensar sobre ela e planejá-la.

Para tanto é preciso conscientizar a todos e principalmente aos idosos que a procura da felicidade deve ser incessante e que ela é feita de momentos, por mais que a queiramos duradoura. E quem disse que existe um limite de idade para se ser

feliz? Será que não têm passado por mim momentos de felicidade que eu não percebi?

As pessoas precisam descobrir que é fundamental ter esperança para se continuar realmente vivendo, independente da idade que se tenha. Da mesma forma que não existe idade para sonhar, para criar, para realizar, para aprender, para se descobrir, para se doar, para amar.

“Para ser grande, sê inteiro
Nada teu exagera ou exclui
Sê todo em cada coisa
Põe quanto és no mínimo que fazes
Sou quem falhei ser”.

(Fernando Pessoa)

Quando se pensa em acrescentar anos

à vida, mas sobretudo vida aos anos é preciso primeiramente dialogar com os idosos.

É o idoso quem tem todas as respostas que nós profissionais precisamos. Organizar uma política de atendimento ao idoso deve antes de mais nada ter como objetivo uma mudança de mentalidade, que se faz com troca de informações.

E o meu papel como médica Geriatria que sou?

Ao invés de falar sobre o que é necessário para se curar uma doença preciso falar um pouco mais do que é preciso para se ter saúde. Só assim penso que conseguiremos afastar a idéia errada de que velhice é sinônimo de doença, de entrega, de acomodação e de que velho não vive, mas espera a morte chegar.

O VELHO NO BRASIL POBRE E NO BRASIL RICO

Talvez o importante não deva ser a identificação da velhice no Brasil rico e no Brasil pobre, mas o despertar para uma ação conjunta, verdadeira, na qual o poder público e a sociedade civil encontrem formas de melhorar a condição da velhice brasileira, por uma questão de civismo, de direito, de justiça.

**MARIA JOSÉ LIMA DE
CARVALHO ROCHA
BARROSO**

*Assistente Social e
Gerontóloga*

A

“Era da Velhice”, iniciada em 1975, tem sido pouco difundida, pesquisada e “trabalhada” no sentido de gerar cuidados, atenções governamentais e iniciativas da sociedade.

A iniciativa do SESC/SP, através da GAETI - Gerência de Apoio ao Estudo da Terceira Idade, tem sido providencial, promovendo estudos, debates e informações. Ao mesmo tempo vem estimulando e alertando órgãos públicos e particulares, profissionais e voluntários sobre a questão do envelhecimento no Brasil.

A velhice, segundo a ONU e de acordo com os critérios adotados no Brasil, tem início a partir dos sessenta anos. Quase sempre tem sido visualizada de forma discriminatória, por ângulos comparativos.

Diz-se geralmente, que existem várias formas de velhice:

- a do branco e a do preto;
- a do intelectual e a do analfabeto;
- a do urbano e a do rural;
- a sadia e a doentia;
- a ajustada (feliz com a idade) e a desajustada (infeliz e inadaptada).
- a do homem e a da mulher.

E, por aí, vão as comparações...

O processo do envelhecimento, sendo diferencial para os indivíduos e as populações, torna-se mais acentuado, no Brasil, em face das desigual-

dades existentes entre as regiões.

A abordagem reflexiva, proposta neste momento, refere-se ao velho no Brasil rico, geralmente identificada pelo fator cronológico, e a do Brasil pobre, referenciada pela decadência física precoce.

A velhice sob três vertentes:

1. Como a sociedade do Brasil rico e a do Brasil pobre identificam a questão social do envelhecimento.

2. A qualidade de vida e do desenvolvimento humano das pessoas idosas.

3. Como as pessoas enfrentam o seu próprio processo de envelhecimento.

O BRASIL

País de grande complexidade, de imensas riquezas, profundas desigualdades em processo de desenvolvimento fragmentado.

Uma sociedade dualista, permeada de crises determinantes da não solução de suas grandes questões sociais, sob múltiplos aspectos.

Durante muitos anos, projetou-se como um país eminentemente jovem. A estrutura demográfica representava uma base ampla e um cimo reduzido, representando a população idosa.

Na modalidade dos tempos, experimenta o país uma transição demográfica, criando uma nova imagem, com redução da base e a ampliação do ápice, indicando o envelhecimento da população.

Apesar dos censos de 1960/70 e 80, das projeções do IBGE, PNAD, de outros órgãos, estribados em estudos científicos da ONU, a realidade da velhice ainda não mereceu prioridade governamental como uma importante questão a ser incluída entre as atenções e as lutas pelos Direitos Humanos.

A sociedade brasileira recebeu fortes influências da ideologia capitalista, manifestada através de preconceitos, mitos, estereótipos, desvalorizando a pessoa

em processo de envelhecimento ou em estágio de velhice.

Nesta última fase é constatável o nível de desenvolvimento ou subdesenvolvimento onde foram vivenciadas as etapas anteriores do ciclo de vida.

Perfil Sintético do Brasil Rico:

O Brasil rico é:

- 8ª economia do mundo ocidental;
- o mais industrializado da América Latina;
- o 2ª maior produtor de soja;
- a 2ª reserva mundial de ferro;
- o 4º rebanho mundial;
- uma indústria automobilística entre as sete mundiais.

Além desses indicadores econômicos, outros relativos a esta região apresentam uma expectativa de vida próxima a dos países europeus, como a Grécia, Itália e Espanha. É a imagem do Brasil rico, desenvolvido, estruturado em parâmetros de economia, tendo o desenvolvimento humano vindo como consequência natural.

Perfil Sintético do Brasil Pobre:

É o reverso desta imagem positiva.

O Brasil pobre, representado pelo Nordeste, constituído de nove Estados e um Território, sobrevive com uma economia de subsistência, resultante de uma pobreza estrutural e cíclica.

Além de ser uma região semi-árida, com problemas climáticos já seculares, não se deve esquecer o desenvolvimento primário e as crises de recessão e esquecimento oficial que lhe são características.

A riqueza da região é absorvida em torno de 1% pela população, enquanto os bolsões de miséria absoluta se reproduzem.

“A Região Nordeste não avançou nas estruturas sociais e econômicas da época que ainda hoje obstaculizam o desenvolvimento moderno”. (1)

Encontra-se no Nordeste os diversos rostos da velhice: idoso-precoce, idoso-hipodotado, pseudo-idoso e outros mais,

simbolizando o envelhecimento antecipado e decadente.

O clima, a pobreza, a carência da assistência integral (médica, social, cultural, educacional), as condições de trabalho constituem fatores determinantes do desgaste humano, a partir dos 40 anos.

Porém, apesar dessas dificuldades, constitui o Nordeste uma região rica, com grandes potencialidades "in natura".

Indicadores Sociais:

- baixo nível de vida resultante de fatores diversos como a desnutrição, incidência de doenças decorrentes deste nível de pobreza;

"Os padrões de saúde, em razão dessas doenças controláveis incidirem com grande frequência, são considerados indesejáveis e muitas vezes sub-humanos". (2)

A taxa de analfabetismo é de 49,3%, enquanto a Região Sul atinge 18%.

A mortalidade infantil superou, nos anos 80, a do Camboja (Oriente Médio) e a do Vietnã, em guerra.

- 44% dos nordestinos não possuem abastecimento d'água. Em 1984, apenas 5% da população dispunham de instalações sanitárias;

- 39% auferem rendimentos inferiores a 1/4 do salário mínimo per capita;

- 77,6% não recebem acima de 2 salários mínimos;

- 5,5 milhões de pessoas migraram para outras regiões;

- 54º lugar em termos de qualidade de vida.

Esses dados revelam uma realidade próxima dos grupos humanos afro-asiáticos.

Algumas citações:

"O Brasil só perde para um paupér-

rimo país da África, tendo crescido o número de miseráveis para 33,2 milhões de pessoas". (3)

"Sem saúde, sem educação, onde 20% dos chefes de família são mulheres desassistidas e 23% da população que trabalha ganha menos de 1/4 do salário mínimo, as escandalosas distâncias entre os mais ricos e os mais pobres que vivem entre o Oiapoque e o Chui, levaram o BIRD, a compará-los aos que separam os Marajás da ralé faminta na Índia". (4)

"A situação do Nordeste é particularmente dramática, apresentando níveis de miséria e pobreza significativamente mais elevados, qualquer que seja o tipo de área - rural, urbano, metropolitana -, do que as demais regiões do país". (5)

Confronto de Realidade:

Diante desses quadros tão discrepantes pode-se distinguir a situação do envelhecimento no Brasil rico, desenvolvido e o do Brasil pobre, subdesenvolvido. O modelo econômico desvinculado do desenvolvimento humano é a razão principal do baixo índice nos indicadores sociais, agravando-se no Nordeste, pelas adversidades climáticas e periódicas.

"O tempo da velhice em suas dificuldades particulares acentua as precárias condições de vida, agravadas pela inexistência de políticas públicas que objetivem resguardar ou amparar as pessoas idosas". (6)

No Brasil desenvolvido a expectativa de vida é maior, incidindo em 67,2 anos, própria dos países do primeiro mundo, enquanto no Brasil subdesenvolvido a existência é de 16,2 anos a menos, (7) incidindo em 52,4 anos. Países de baixa renda, em 59 anos, na definição do Banco Mundial.

Em Santa Catarina, a média de vida

1. Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil - Artigo*. "Viellissement et sous développement le cas Brésilien". Citado na Conferência - A situação do Idoso no Brasil - Seminário Franco-Brasileiro sobre o Envelhecimento - Comparação entre Duas Sociedades. Paris, 23:29.10.88

2. Maria José Lima de Carvalho Rocha Barroso. *O Desafio do Envelhecimento no Nordeste*. revista - A Terceira Idade, Ano 1, nº 1, SESC/SP.

alcançou 70 anos, em 1989, enquanto a média no Brasil incidia em 64 anos.

No Rio Grande do Norte, nos anos 80, a esperança de vida para o homem estava em 44,7 anos e, na Paraíba, 46,2 anos.

"A Região Nordeste somava, em 1980, um total de 2,2 milhões de pessoas. Em 1985, dados do PNAD indicaram um contingente de idosos da ordem de 2,7 milhões, e estimativas para 1988 apontaram um número correspondente a 3 milhões de pessoas nesta faixa etária." (8)

COMO A SOCIEDADE BRASILEIRA IDENTIFICA A QUESTÃO DO ENVELHECIMENTO

Observou-se, nesses últimos quinze anos, que a sociedade brasileira tem identificado a realidade e a dimensão do processo de envelhecimento dos brasileiros como **UMA QUESTÃO ENTRE OUTRAS TANTAS DO PAÍS, SEM NÍVEL DE PRIORIDADE.**

Até o início dos anos 80, ainda persistia um atendimento com o caráter de benesse e caridade, como se o idoso pertencesse a uma categoria inferior. A natureza assistencialista era interpretada simplesmente como dar uma "esmola", para uma solução imediata. Inexistia a compreensão de que assistência, nos casos devidos, é **DEVER DO ESTADO**, é **DIREITO DE CIDADANIA**, não diminuindo o órgão público prestador do atendi-

mento e nem a pessoa recebedora.

Algumas iniciativas da sociedade civil resultaram de esforços de profissionais ou de aposentados mais desembarçados.

Na realidade, inexistiu ainda uma política social capaz de oferecer e assegurar proteção e assistência social, viabilizando condições de melhoria de qualidade de vida e bem-estar existencial. Somente cerca de 10% dos recursos financeiros para o órgão de Assistência Social foram destinados aos idosos carentes. Apenas 1% desses idosos necessitados recebeu alguma forma de atendimento, conforme estatística apresentada extra-oficialmente. (Levantamento procedido dentro do próprio órgão, nos anos 80).

As medidas governamentais implantadas foram fragmentadas, sem a integração dos diversos órgãos governamentais, sem uma decisão política capaz de gerar cumprimento e compromisso de continuidade e universalidade.

Por sua vez, as conquistas previdenciárias não tiveram a intencionalidade de conferir direitos sociais, próprios de cidadania. O objetivo sempre teve a característica de assistência-benesse, pois inexistia a consciência do **DEVER DO ESTADO** e do **DIREITO DO CIDADÃO**, em qualquer idade.

DEVER DO ESTADO e DIREITO

3. BRASIL - UMA POLÍTICA PARA A VELHICE, JÁ
Jean-Michel Hôte

Brascores - Gráfica e Editora Ltda., 1988

4. VELHICE, UMA NOVA QUESTÃO SOCIAL

Marcelo Antonio Salgado

SESC/SP, 1980

5. O DESAFIO DO ENVELHECIMENTO NO NORDESTE

Maria José Lima de Carvalho Rocha Barroso

Revista a Terceira Idade

SESC/SP, 1989

6. GEOGRAFIA DOS CONTRASTES - Vol. 1

Elian Alabi Lucci

Ed. Saraiva, 1990

7. O BRASIL DESIGUAL - ANTIGO

Tribuna do Ceará - 19.02.91

8. A PROTEÇÃO DO IDOSO NO BRASIL - Conferência

Marcelo Antonio Salgado

9. A INVENÇÃO SOCIAL DA VELHICE

Dirceu Nogueira Magalhães

Ed. Papagaio Ltda, 1989

10. PROJETO NORDESTE

PUBLICADO NO JORNAL O POVO 28.08.89

DE CIDADANIA são frutos da modernidade, conquistas asseguradas pela Constituição Federal e a consciência social elástica e aprofundada pelos estudos, discussão em grupos, assembleias dos movimentos populares e associativos.

Os avanços na Constituição Federal e de algumas estaduais, ainda não regulamentadas, foram conquistas cujo mérito maior atribui-se aos aposentados e idosos das regiões mais desenvolvidas, pelo empenho, esforço e competência nas ações políticas.

Nas decisões políticas têm prevalecido mais a emocionalidade e a benevolência - "pena dos velhinhos", suplantando a intencionalidade da garantia dos direitos como **DEVER SOCIAL, DEVER DO ESTADO**, direitos de cidadania, negados por muitos anos.

É interessante observar legisladores, dirigentes de órgãos públicos já pertencentes à categoria da terceira idade não defenderam a causa como futuros beneficiados.

Por sua vez, os idosos ainda insuficientemente informados e estimulados deixam de assumir uma postura de cidadania, não reivindicando direitos, não se preocupando com uma sociedade mais humana e responsável pelo bem comum. Ausentam-se das organizações sociais. Esperam mudanças benéficas, talvez por terem internalizado em si a tatuagem da "pena", da benesse, da caridade com os idosos, ou mesmo por incompetência desses, esquecidos do direito de **SER** e de sua cidadania.

QUALIDADE DE VIDA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

É inegável uma melhor qualidade de vida na Região Sul/Sudeste. As oportunidades e os espaços sócio-culturais são mais numerosos e diversificados. As influências da miscigenação das etnias favoreceram melhor aceitação do envelhe-

cimento.

Os idosos mais estimulados à mobilização e organização social, participam com desembaraço e competência, em debates, seminários, passeatas. Elaboram manifestos, colhem mais de 30 mil assinaturas, numa grande mobilização, tentando dar o respaldo necessário às reivindicações, em um tempo recorde.

Demonstram maior nível de segurança pessoal e, sobretudo, uma consciência sólida e abalizada sobre a questão do envelhecimento e dos direitos dos idosos.

Sabem, assim, exigir de viva voz, os direitos que lhe são devidos. De certo modo tiram o real proveito da experiência acumulada, das conquistas já alcançadas e do tempo ainda restante.

Libertos de preconceitos, vivem com mais independência de atitudes, de gestos, de formas de pensar. Participam de movimentos cívico-culturais e políticos e das Universidades da Terceira Idade. Cultivam interesse pela aprendizagem, pelo corpo, a política e a vida. Assumem-se com a idade atual, buscam o equilíbrio afetivo-emocional, com tranqüilidade namoram, casam-se, trocam de parceiros com o mesmo "fair-play" dos adultos da modernidade.

Impõem-se aos filhos, noras e netos, defendendo suas idéias e opções. Fazem turismo, sozinhos, com boa dose de segurança e "savoir vivre". "No meio social das elites, essas condições já equivalem aos dos países desenvolvidos". (9)

Porém, ao lado dessas imagens, encontramos outras deprimentes que não podem ser esquecidas. Nos asilos, nas ruas, idosos anônimos, passivos, com fastio existencial - fantasmas do abandono.

Esses rostos da velhice são também encontrados nas clínicas luxuosas, multiplicadas como "negócio rentável", cobrando a peso de ouro a presença incômoda do longo das famílias abastadas.

Outros, espoliados de seus bens, são relegados também ao abandono. Encon-

tra-se de tudo, de forma dolorosa, inacreditável. Para conferir é só visitar os asilos, as clínicas; ficar atentos, ouvir os próprios idosos, os profissionais, os voluntários, os dirigentes de entidades sociais. É só constatar no cotidiano, nas ruas, praças nos transportes coletivos, nas filas dos bancos, nos postos de saúde e hospitais a falta de humanismo e de respeito às pessoas envelhecidas.

E os Velhos da Região Nordeste?

Pelos baixos índices de desenvolvimento humano-econômico-social, é mais dramática ainda a situação. "Mais da metade dos miseráveis do país estão no Nordeste"; (10) desta forma, não podemos ignorar a velhice miserável do nosso país.

O êxodo do campo acarreta encargos familiares para os idosos. Mesmo desprovidos de recursos e sem acesso à assistência pública, são forçados a assumirem encargos acima de suas forças. Empregam a aposentadoria ou pensão insuficientes para as necessidades pessoais (medicamentos, alimentação e vestuário) e contribuem para o sustento da família.

Em outros casos, forçados pelo êxodo, os mais jovens levam consigo os seus velhos para conviver com a incerteza: debaixo de pontes, em favelas, perdendo as suas raízes, as amizades, os lugares já veteranos - é uma perda de grande dimensão - a perda de sua identidade cultural.

A velhice no Nordeste reveste-se de maiores dificuldades, considerando os estágios anteriores do ciclo de vida, nos quais sofrem privações de diversas ordens, pela desnutrição, falta de assistência médica, condições de higiene, produzindo a "velhice precoce", os "pseudo-idosos" e os "idosos hipodotados", tão bem definidos pelo sociólogo Dirceu Magalhães.

"A decadente aparência física, o rosto fortemente marcado por rugas profundas, a pele enrijecida e ressecada, o baixo

estado de ânimo, o olhar frio e distante revelam um desgaste vital, aos 40 anos."

A velhice múltipla da viúva de 65 anos, de condições modestas, difere da "senhora de 80 anos que distrai sua solidão, passeando com seu cão em Copacabana". São duas situações, refletindo cada uma, a região onde se desenvolve este tempo de velhice.

A velhice dos ricos tem suas peculiaridades, pelas mordomias que dispõem. Se detém patrimônio, despertam cobiça e disputa. O asilamento para o rico dói muito mais. Daí, as estatísticas dos países ricos ao revelarem a morte social, aos 6 meses e a biológica aos 12 meses, dos idosos ricos internados contra a vontade, em asilos.

Com os pobres, ocorre muitas vezes, o inverso, significando sobrevivência tranquila, pois receberão cuidados, alimentação e medicamentos, quando necessários.

O velho rico se impõe muito mais pelo poder pessoal, político, monetário ou pela educação de respeito aos mais velhos que soube transmitir.

O velho "pobre" mantém a autoridade pela suavidade de gestos, pelo amor e dedicação. Nestes, os laços afetivos aparentam sempre mais fortes. O pobre também não fica segregado dentro de casa. O ambiente familiar é tão diminuto, não contando com quartos de despejos, onde os idosos mais "abonados" são colocados. Com os espaços tão restritos os idosos não sentem as barreiras da solidão e abandono, mesmo porque existe uma rede de solidariedade entre familiares e vizinhos.

CONCLUSÃO

Tanto no Brasil rico como no Brasil pobre, a questão social da velhice constitui uma realidade forte, desumana.

Constata-se não haver uma divisão geopolítica definida, separando as regiões, pois encontramos brasis paralelos (rico e pobre) simultaneamente, na mes-

ma região. No Nordeste, com toda a sua pobreza de terceiro mundo, existe também um Brasil rico.

Em alguns níveis, a velhice no Brasil rico não é melhor que a do Brasil pobre. Os problemas são evidentes e comuns; entre muitos se destacam:

- solidão;

- abandono;

- ausência de consciência social coletiva, negando a velhice, respeito, dignidade, direitos, como prioridade incluída nos Direitos Humanos;

- ausência de decisão política por parte do poder público (Legislativo, Executivo, Judiciário) na determinação do cumprimento das leis existentes, criação de outras leis de proteção e assistência social e de prioridade a esta questão;

- carência de informações, em nível nacional, estimulando a criação de uma opinião pública, de valorização e respeito à velhice;

- escassez de espaços sociais, adequados, viabilizadores de crescimento sócio-existencial, conferindo à velhice um tempo de bem-estar e plenitude.

O poder público tem sido até certo ponto omissos frente às consequências e os efeitos que poderá acarretar ao país o crescimento populacional de forma acelerada, com previsões alarmantes, tornando

o país o mais envelhecido da América Latina. Sem planificação de medidas asseguradoras de uma melhor qualidade de vida, este crescimento poderá carrear implicações de ordem econômico-cultural-política. Poderá, ainda, modificar as relações do estado e da sociedade dualista, bem como as relações intergeracionais.

Uma síntese final:

- 60% dos idosos são do sexo feminino;

- 72% vivem nas zonas urbanas;

- 86% vivem na região sudeste;

- 51% são analfabetos.

Verifica-se, assim, ser a velhice brasileira acentuadamente feminina e urbana.

Talvez o importante não deva ser a identificação da velhice nos brasis rico e pobre, mas o despertar para uma ação conjunta, verdadeira, na qual o poder público e a sociedade civil encontrem formas de melhorar a condição de ser da velhice brasileira, por uma questão de civismo, de direito e de justiça.

São injustas as omissões, a exploração, a discriminação, a insensibilidade em relação à pessoa idosa. Aqueles construtores que com talento e esforço pessoal e coletivo contribuíram para as riquezas deste país e a formação da família brasileira merecem todo o nosso respeito. É questão de patriotismo amar, respeitar e dignificar a velhice brasileira.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

- SALGADO, Marcelo A. A Proteção do Idoso no Brasil - Conferência**
JAGUARIBE, Hélio e outros. Brasil - Reforma ou Caos, 2ª ed.,
Paz e Terra - 2ª Edição - 1989
- HÔTE, Jean Michel. Brasil - Uma Política para a Velhice, Já**
Brascores - Gráfica e Editora Ltda., 1988
- SALGADO, Marcelo A. Velhice, Uma Nova Questão Social**
SESC / SP, 1980
- BARROSO, Maria José L. C.R. Desafio do Desenvolvimento no Nordeste**
Revista A Terceira Idade - SESC / SP, 1989
- LUCCI, Elian Alabi. Geografia dos Contrastes**
Ed. Saraiva, 1990. vol. 1
- TRIBUNA DO CEARÁ. O Brasil Desigual - Antigo**
Publicado em 19.2.91.
- MAGALHÃES, Dirceu N. A Invenção Social da Velhice.**
Papagaio Ltda, 1989
- O POVO. Projeto Nordeste. Publicado no jornal em 28.8.89**
- FOSSA, Maria das Graças R. Aspectos Demográficos do Envelhecimento**
II Fórum Nacional de Gerontologia Social - Fortaleza, 1988.

■ A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), a Federação Latino-Americana de Sociedade de Geriatria e Gerontologia (FLASGG) e o Comitê Latino-Americano da Associação Internacional de Gerontologia (COMLAT-AIG) estarão promovendo, de 18 a 21 de outubro de 1992, no Hotel Fazenda Solar das Andorinhas, em Campinas, SP, a **II Jornada de Geriatria e Gerontologia do Cone Sul** e, simultaneamente, a XV Jornada Médico-Social da Terceira Idade.

Durante o evento, ocorrerá também o **V Simpósio de Reabilitação em Geriatria**. Participarão das atividades, como docentes, especialistas do Brasil e do exterior, focalizando temas de interesse para geriatras, gerontólogos e técnicos que estão trabalhando junto a grupos de idosos.

Informações: Rua Coelho Neto, 447 - Tel.: (0192) 31-0866 - CEP 13023-020 - Campinas (SP).

■ Com o título "**El viejo en el 92**" e sob a coordenação do Instituto Gerontológico Andaluz, serão realizados, de 2 a 5 de dezembro de 1992, em Sevilha, na Espanha, o II Congresso Ibero-Americano de Geriatria e Gerontologia, o XIX Congresso da Sociedade Andaluza de Geriatria e Gerontologia e a VIII Jornada sobre o Envelhecimento.

Sede dos Congressos: Hotel Al-Andalus Palace de Sevilha.

Informações: Apartado de Correos, 12235, 41080 - Sevilha - Espanha - Tel.: (95) 445-6822 e 445-7239 - FAX (95) 445-5090.

■ O tema "**As Águas Vão Rolar**", enfocando a relação da água com a vida, marcará o VII Encontro Estadual de Idosos a realizar-se de 23 a 25 de outubro deste ano, em Piracicaba, interior do Estado de São Paulo.

Tendo por objetivos proporcionar momentos de reflexão sobre a importância ecológica e cultural das bacias pluviais, e discutir os aspectos existenciais e religiosos da água na formação das civilizações, o evento deverá reunir cerca de 800 idosos da capital e das cidades interioranas.

Além das palestras de especialistas, o Encontro contará também com trabalhos de pesquisa sobre o tema proposto que serão apresentados pelos representantes dos vários grupos.

A parte artística e social terá sua vez nos espetáculos alusivos ao assunto e nos momentos de confraternização e lazer.

■ Informamos, finalmente, que por uma Resolução da ONU a comemoração do Dia Internacional do Idoso passou do dia 6 para o dia 1º de outubro, a partir deste ano de 1992.

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

PRESIDENTE

Abram Szajman

Membros Efetivos

Aldo Minchillo
Augusto da Silva Saraiva
Chafic Wady Farhat
Fileto de Oliveira e Silva Netto
Isaac Naspitz
Jorge Gabriel
José Santino de Lira Filho
Juljan Dieter Czapski
Laerte Horta
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Pedro Labate
Rubens Ferreira
Rui Vieira

Membros Suplentes

Airton Salvador Pellegrino
Amadeu Castanheira
Ariovaldo Cirelo
Fernando Soranz
Israel Guinsburg
Ivo Dall'Acqua Júnior
João Pereira Góes
Jorge Sarhan Salomão
José Rocha Clemente
Luciano Figliolia
Mauro Mendes Garcia
Nerino Soldera
Oswaldo Guarnieri de Lara
Wallace Garroux Sampaio
Walcídio de Castro Oliveira

REPRESENTANTES JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos

Abram Szajman
Aurélio Mendes de Oliveira
Raul Cocito

Membros Suplentes

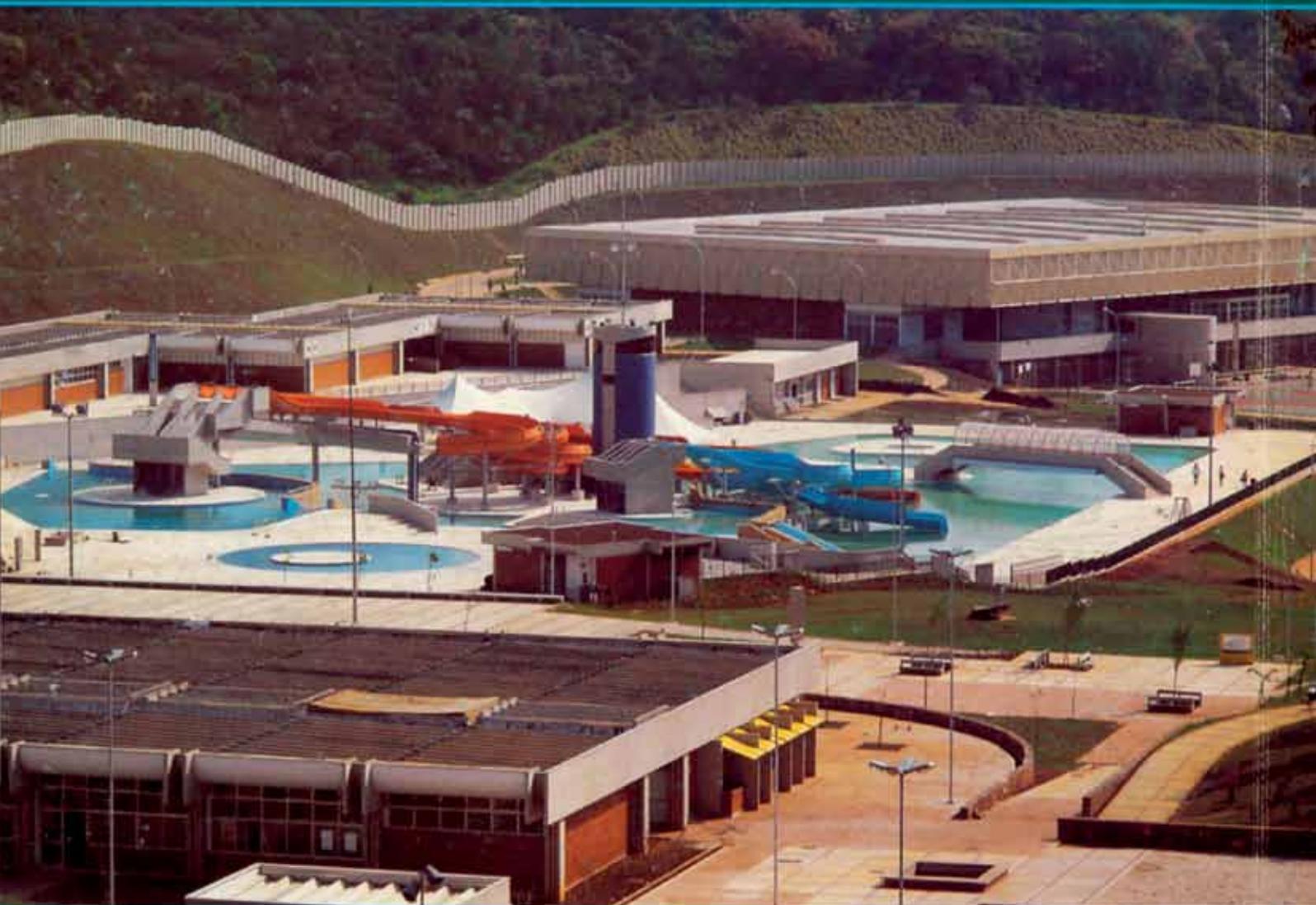
Manoel José Vieira de Moraes
Olivier Mauro Viteli Carvalho
Sebastião Paulino da Costa

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SESC Itaquera

O maior centro de lazer da cidade



Localizado na região mais populosa da capital, a Zona Leste, o SESC Itaquera é o maior complexo de lazer da cidade de São Paulo. Com 350.000 m² de áreas verdes e 61.421 m² de área construída, dispõe de parque aquático com 5.000 m² de espelho d'água, tobogãs, correntezas e brinquedos aquáticos ginásio coberto com 3 quadras poliesportivas, salões de jogos, quadras de bocha, bar e lanchonete 8 quadras poliesportivas descobertas, 3 quadras e paredão de tênis, 4 quadras de malha e 3 mini campos de futebol em areia • área social para estar e convivência, com espaços para exposições, ambientes de múltiplo uso e bar • lanchonete • praça de eventos • 57 quiosques com churrasqueiras estacionamento para ônibus e 1.166 automóveis.



SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

UNIDADES DO SESC: Interlagos, Pompéia, Consolação, Itaquera, Carmo, Florêncio de Abreu, Traipú, Itaim, Augusta, Roosevelt, São Caetano do Sul, São José dos Campos, Campinas, Bauru, Bertioga, Rio Preto, Catanduva, Piracicaba, Santos, Ribeirão Preto, Taubaté, São Carlos.